



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Educação

Material Estruturado



SUBSECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL

GERÊNCIA DE CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

3.ª série | Ensino Médio

MANIFESTAÇÕES LITERÁRIAS

LÍNGUA PORTUGUESA

DESCRITOR SAEB	DESCRITOR PAEBES	HABILIDADE PRINCIPAL	OBJETO DE CONHECIMENTO DA HABILIDADE PRINCIPAL	EXPECTATIVA DE APRENDIZAGEM DA HABILIDADE PRINCIPAL	HABILIDADE ASSOCIADA	OBJETO DE CONHECIMENTO DA HABILIDADE ASSOCIADA	EXPECTATIVA DE APRENDIZAGEM DA HABILIDADE ASSOCIADA	HABILIDADE DA COMPUTAÇÃO RELACIONADA
-	D025_P Reconhecer efeitos de sentido decorrentes do uso ou função da pontuação e de outras notações.	EM13LP46 Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.	- Construção composicional dos textos literários; - Efeito de sentido dos textos; - Adesão às práticas de leitura de textos literários das mais diferentes tipologias e manifestações literárias.	Considerar o contexto de produção, circulação e recepção na significação de textos literários. Analisar efeitos de sentido de procedimentos e recursos poéticos na significação de textos literários. Relatar experiências de leitura de textos literários, de diferentes gêneros e de diferentes temporalidades, em práticas de trocas com outros leitores. Discutir diferentes possibilidades de leitura de um texto. Comparar sentidos atribuídos a um texto com os discutidos pela crítica e/ou pela historiografia literária.				
-	D062_P Identificar discursos que contribuíram para a formação da identidade nacional em textos da literatura brasileira.	EM13LP48 Identificar assimilações, rupturas e permanências no processo de constituição da literatura brasileira e ao longo de sua trajetória, por meio da leitura e análise de obras fundamentais do cânone ocidental, em especial da literatura portuguesa, para perceber a historicidade de matrizes e procedimentos estéticos.	- Recursos linguísticos e semióticos que operam nos textos pertencentes aos gêneros literários dos textos literários das origens à contemporaneidade; - Efeito de sentido dos textos literários das origens à contemporaneidade; - Adesão às práticas de leitura de textos literários das mais diversas tipologias.	Analisar recursos e procedimentos literários em obras lidas. Comparar recursos e procedimentos literários em obras de uma mesma temporalidade, de diferentes temporalidades, pertencentes à literatura brasileira e à ocidental.	EM13LP28 Organizar situações de estudo e utilizar procedimentos e estratégias de leitura adequados aos objetivos e à natureza do conhecimento em questão.	- Estratégia de produção; atualização; - Estratégias de produção.	Planejar situações de estudo individual ou coletivo. Selecionar fontes confiáveis, considerando a definição prévia de temas, questões de pesquisa e recortes. Fazer curadoria de informações e conteúdos; Usar capacidades de leitura, gêneros e procedimentos apoio à compreensão;	
-	D053_P Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.	EM13LP06 Analisar efeitos de sentido decorrentes de usos expressivos da linguagem, da escolha de determinadas palavras ou expressões e da ordenação, combinação e contraposição de palavras, dentre outros, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de uso crítico da língua.	- Estilo, efeitos de sentido; - Léxico/morfologia.	Identificar as funções da linguagem e sua relação com a função social do texto. Identificar marcas de opinião. Relacionar as linguagens verbal e não verbal.				

Contextualização

Caro(a) professor(a),

Nesta quinzena, o estudo se concentrará na **2.ª fase do Modernismo**, com ênfase na poesia. Para tanto, elaboramos um material que visa contextualizar a produção literária desse período, abrangendo tanto o legado da 1.ª fase do Modernismo quanto às transformações que se desenrolavam no Brasil e no mundo. A rotina se dedica a caracterizar a produção dos autores representativos dessa geração, por meio da leitura e análise de poemas diversos.

Com esta proposta, almejamos que os(as) estudantes desenvolvam um olhar mais crítico e aprofundado para a poesia modernista, reconhecendo sua riqueza e complexidade. Ao relacionarem a literatura com os contextos históricos e sociais, os(as) alunos(as) compreenderão a importância da poesia como expressão da realidade. Paralelamente, desenvolverão habilidades de leitura e análise textual, aprimorando suas interpretações e ampliando seu repertório cultural ao conhecer a obra de importantes poetas modernistas brasileiros e sua contribuição para a literatura nacional.

Visando atingir tais objetivos, selecionamos textos dos principais autores da poesia de 30, a saber: **Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Cecília Meireles, Mario Quintana e Vinicius de Moraes**. Este material poderá ser enriquecido com outros textos de sua escolha e, considerando a natureza do texto poético, ações como cafés literários, piqueniques e saraus são iniciativas que podem favorecer a apreciação das obras por parte dos(as) estudantes.

Desejamos a todos uma ótima semana e um bom trabalho!



Referências

Material Estruturado:

ALVES, Roberta Hernandez; MARTIN, Vima Lia. **Veredas da palavra**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2016.

BARRETO, Ricardo Gonçalves; Et al. **Ser protagonista**: língua portuguesa, 3º ano: ensino médio. 3. ed. São Paulo: Edições SM, 2016.

CEREJA, William Roberto; VIANNA, Carolina Assis Dias; CODENHOTO, Christiane Damien. **Português contemporâneo**: diálogo, reflexão e uso, vol. 3. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

FARACO, Carlos Emílio; MARUXO JÚNIOR, José HaMilton. **Língua portuguesa**: linguagem e interação. São Paulo: Ática, 2012.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga nas linguagens**: português manual do professor. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2020.

SETTE, G.; RIBEIRO, I.; TRAVALHA, M.; STARLING, R. **Português**: Trilhas e tramas, volume 3. 2 ed. São Paulo: Leya, 2016.

Conjunto de Questões:

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

REGO, José Lins do. **Fogo Morto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. São Paulo: Editora Record, 2013.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

VERÍSSIMO, Érico. **Os Devaneios do General**. Disponível em: <<https://contobrasileiro.com.br/os-devaneios-do-general-conto-de-erico-verissimo/>>. Acesso em: 06 fev. 2025 (fragmento)

ATIVIDADE 8

D043_P Reconhecer recursos estilísticos utilizados na construção de textos.

No trecho **“Ele era bom de ouvir e de olhar, como uma bela paisagem [...]”** (1.º parágrafo), o recurso estilístico foi empregado com a finalidade de

- A) substituir um termo pelo outro com base em uma relação de proximidade ou causalidade.
- B) exagerar intencionalmente na descrição do personagem para enfatizar suas qualidades estéticas.
- C) unir sensações diferentes, como audição e visão, para criar um efeito sensorial único.
- D) estabelecer uma comparação explícita entre a aparência e a sonoridade agradável do personagem e uma paisagem bela.
- E) utilizar uma palavra fora de seu significado original por falta de um termo específico para nomear a ideia expressa.

ATIVIDADE 9

D043_P Reconhecer recursos estilísticos utilizados na construção de textos.

No trecho **“[...] uma espécie de doce saudade.”** (3.º parágrafo), o recurso estilístico foi empregado com o objetivo de

- A) apresentar uma comparação ao estabelecer uma relação explícita entre a saudade e algo doce.
- B) opor ideias contrastantes ao associar um sentimento triste (saudade) a algo agradável (doce).
- C) misturar sensações unindo a percepção gustativa (doce) à sensação emocional (saudade) para apresentar um novo sentido.
- D) intensificar a ideia da saudade ao descrevê-la como "doce", ampliando a sensação emocional.
- E) unir dois conceitos contraditórios, "doce" e "saudade", criando uma ideia aparentemente incoerente.

Leia o texto abaixo e responda.

Vidas Secas

(Graciliano Ramos)

“Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se. Chegara naquele estado, com a família morrendo de fome, comendo raízes. Caíra no fim do pátio, debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta. Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam ratos – e a lembrança dos sofrimentos passados esmorecera. [...]”

– Você é um bicho, Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades. Chegara naquela situação medonha – e ali estava, forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha.

– Um bicho, Fabiano. [...]

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. São Paulo: Editora Record, 2013. (fragmento)

ATIVIDADE 10

D043_P Reconhecer recursos estilísticos utilizados na construção de textos.

No trecho **“Você é um bicho, Fabiano”,** o recurso estilístico foi empregado com o intuito de

- A) sugerir que ele possui características de um animal, como resistência e instinto de sobrevivência.
- B) atribuir características humanas a um ser inanimado ou irracional.
- C) expressar uma ideia incoerente e confusa entre ser um "bicho" e ter qualidades humanas.
- D) omitir palavras necessárias para completar o pensamento, deixando a estrutura incompleta, mas subentendida.
- E) exagerar na descrição de Fabiano para enfatizar suas características.

Conceitos e Conteúdos

2.ª FASE DO MODERNISMO BRASILEIRO

A 2.ª fase do Modernismo Brasileiro, que se estende de **1930 a 1945**, representa a consolidação das propostas estéticas iniciadas na década anterior, com a primeira fase. Os artistas brasileiros, cada vez mais engajados com a realidade social e política do país, aprofundaram a exploração de temas como a **regionalidade e a identidade nacional**. A literatura, em particular, experimentou um grande desenvolvimento, com a produção de obras que se tornaram marcos da literatura brasileira e latino-americana.

O CONTEXTO HISTÓRICO



Imagem gerada pela IA

Nesse período no Brasil, o desenvolvimento industrial trouxe consigo uma maior consciência sobre os atrasos sociais presentes no interior do país. Nos anos iniciais da década de 1930, destaca-se a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, em um momento em que a estrutura econômica, política e social brasileira ainda era influenciada pelo regime republicano do final do século XIX. Havia uma necessidade crescente de modernizar o país para que ele conquistasse maior relevância no cenário global, ideia defendida por uma geração de intelectuais, artistas e políticos.

No cenário internacional, vivia-se uma intensa disputa ideológica: o liberalismo enfrentava uma grave crise após a quebra da Bolsa de Nova York em 1929, enquanto o socialismo/comunismo, impulsionado pela Revolução Russa de 1917, ganhava adeptos. Ao mesmo tempo, cresciam regimes totalitários que defendiam a centralização do poder, como o **nazismo** liderado por Hitler, na Alemanha, e o **fascismo** liderado por Mussolini, na Itália, além das **ditaduras** de Salazar em Portugal (1932-1974) e Franco na Espanha (1939-1976).



Esse panorama político gerava debates acalorados, com forte pressão para que intelectuais assumissem **posições ideológicas**. Por um lado, o **comunismo** atraía pela promessa de igualdade social e pelos avanços econômicos da União Soviética; por outro, o **fascismo** prometia estabilidade social e uma distribuição justa de riquezas, centralizando o poder político. O Brasil, assim como outros países periféricos, também foi influenciado por esse contexto, e **o governo de Getúlio Vargas gradualmente adotou características de um Estado totalitário**, inspirado nos modelos europeus.

Culturalmente, entre as décadas de 1920 e 1940, a Europa vivenciou uma aproximação entre arte, cultura e o cotidiano. A arte deixou de ser exclusiva das elites e passou a atingir as massas, tornando-se mais acessível. Uma das principais responsáveis por essa democratização foi a indústria cinematográfica. O cinema trouxe inovações significativas: era uma arte visual que alcançava um público amplo, tinha um caráter industrial que tornava os ingressos mais acessíveis e permitia momentos de distração diante das dificuldades trazidas pela Segunda Guerra Mundial.



Além disso, os noticiários exibidos antes dos filmes, a imprensa ilustrada e as transmissões de rádio aceleraram o acesso às informações. Paralelamente, a indústria fonográfica se desenvolveu, popularizando a música erudita, antes restrita à aristocracia, e intensificando a divulgação da música popular.



Tanto o rádio quanto o cinema exerciam bastante influência sobre as massas, por isso foram utilizados como instrumentos de propaganda ideológica, com uso de técnicas semelhantes às da publicidade.



Nesse sentido, arte e ideologia, arte e tecnologia e arte e democracia se entrelaçavam, fazendo surgir, na literatura brasileira, a 2.ª fase do Modernismo.

A PRODUÇÃO LITERÁRIA DA 2ª FASE DO MODERNISMO

A literatura modernista dos anos 1930 consolidou a diversidade do movimento iniciado em 1922, ampliando seu alcance por todo o país e atraindo novos talentos. Marcada pela produção de romances regionalistas, sobretudo no Nordeste, e por uma poesia de caráter espiritualista, essa fase manteve as conquistas estéticas da primeira geração modernista, como o **verso livre** e a **linguagem cotidiana**; por outro lado, também houve um retorno a recursos considerados ultrapassados, como as **formas fixas na poesia**.

A influência de nomes como Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Oswald de Andrade ainda era perceptível, embora a pesquisa estética desse lugar apresentava maior preocupação com a **realidade social** e os **dilemas individuais**. Nesse contexto, a 2.ª fase do Modernismo destacou-se por obras que marcaram a literatura nacional, como *Alguma poesia*, de Carlos Drummond de Andrade, além das estreias literárias de Murilo Mendes e de Vinícius de Moraes.

Essas produções refletiram a diversidade ideológica da época: de um lado, **obras engajadas**, que denunciavam a exploração de operários e camponeses; de outro, textos mais conservadores, voltados para uma **literatura espiritualista**, essencialista e **metafísica**. Formalmente, coexistiram experiências estéticas inovadoras e posturas mais tradicionais, como o uso do soneto.

Metafísica: qualquer sistema filosófico voltado para uma compreensão da essência dos seres, daquilo que transcende (ultrapassa) a realidade.



Leia o texto abaixo e responda.

Os Devaneios do General

(Érico Veríssimo)

“O general aceita o convite do sol e vai sentar-se à janela que dá para a rua. Ali está ele com a cabeça atirada para trás, apoiada no respaldo da poltrona. Seus olhinhos sujos e diluídos se fecham ofuscados pela violência da luz. E ele arqueja, porque a caminhada do quarto até a janela foi penosa, cansativa. De seu peito sai um ronco que lembra o do **estertor** da morte. O general passa a mão pelo rosto murcho: mão de cadáver passeando num rosto de cadáver. Sua barbicha branca e rala esvoaça ao vento. O velho deixa cair os braços e fica imóvel como um defunto. [...]”

Disponível em: <<https://contobrasileiro.com.br/os-devaneios-do-general-conto-de-erico-verissimo/>>. Acesso em: 06 fev. 2025 (fragmento)

Glossário

Estertor: ruído respiratório.

ATIVIDADE 7

D043_P Reconhecer recursos estilísticos utilizados na construção de textos.

No trecho “[...] **um ronco que lembra o estertor da morte**”, o recurso estilístico tem como objetivo

- determinar a duração do ronco ao associá-lo ao som da morte iminente.
- suavizar a ideia da morte, utilizando um termo mais leve para representar o fim da vida.
- repetir desnecessariamente a ideia de morte, reforçando a sonoridade do ronco de forma redundante.
- expressar um contraste irônico entre a situação real do general e a expectativa que se tem de um personagem de autoridade.
- sugerir uma comparação do estado do personagem ao associar seu ronco ao som característico da morte.

Leia o texto abaixo e responda às atividades 8 e 9.

O Quinze

(Rachel de Queiroz)

“Da primeira vez, pensa-se em passar a vida inteira naquela frescura e naquela paz; mas à última, sai-se com o coração pesado, curado de bucolismo por muito tempo, vendo-se na realidade como é agressiva e inconstante a natureza... Ele era bom de ouvir e de olhar, como uma bela paisagem, de quem só se exigisse beleza e cor. Mas nas horas de tempestade, de abandono, ou solidão, onde iria buscar o seguro companheiro que entende e ensina, e completa o pensamento incompleto, e discute as ideias que vêm vindo, e compreende e retruca às invenções que a mente vagabunda vai criando? (...)”

Vicente fumava, à janela. Onze horas, meia-noite, sabia lá? Quem pensa e fuma, depressa esquece o mundo, as horas e até o céu todo cheio de estrelas que brilham à toa, sem se preocuparem com o tempo que corre e com a manhã próxima que lhes virá apagar o lume e as arrancar da cisma...

Uma multidão de coisas tumultuosas, desconhecidas, o alvoroçava — confusas recordações, uma espécie de doce saudade. Uma vontade obscura e incerta de ascender, de voar! Um desejo de se introduzir a grandes passos na imensa treva da noite, e a atravessar, e a romper, esquecido das lutas e trabalhos, e penetrar num vasto campo luminoso onde tudo fosse beleza, e harmonia, e sossego. (...)”



Leia o texto abaixo e responda.

Fogo Morto
(José Lins do Rêgo)

"A velha Adriana se despediu, mandou lembranças para a família e ganhou a estrada. (...) Atrás vinham as **reses** que desciam para a matança da Paraíba. A boiada encheu a estrada, a gritaria dos **tangerinos** abafava o **tropel** que levantava poeira. Deixou que o gado descesse e seguiu a sua viagem. A gaita do negro lhe trazia coisas do seu tempo passado, dos dias de menina do sertão. Quando o velho Lucindo falou dos sertanejos que desciam como formigas era como se falasse da sua gente que chegara morrendo de fome no Santa Fé, na seca terrível que matara tudo, que fizera de seu povo uma porção de pedintes. A gaita triste de Cabrinha era todo o seu sertão e que nunca mais revira, que nunca mais poderia rever. Entristeceu-se com a dor da música. (...)

REGO, José Lins do. **Fogo Morto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943

Glossário

Reses: plural de "res", refere-se a gado, especialmente bovinos, criados para consumo ou trabalho.

Tangerinos: pessoas responsáveis pela condução do rebanho.

Tropel: barulho confuso e intenso causado por um grupo de pessoas ou animais.

ATIVIDADE 5

D074_P Compreender a presença do cânone e das manifestações literárias populares como obras de historicidade e atemporalidade importantes para a formação humana e construção do seu meio social, valorizando artística e culturalmente as mais diversas produções literárias locais, nacionais e internacionais.

Com base na leitura do trecho de "*Fogo Morto*" de José Lins do Rêgo, aponte uma característica que relacione a obra à 2.ª Fase do Modernismo no Brasil.

Leia o texto abaixo e responda.

Capitães da Areia
(Jorge Amado)

"Nunca tivera uma alegria de criança. Se fizera homem antes dos dez anos para lutar pela mais miserável das vidas: a vida de criança abandonada. Nunca conseguira amar a ninguém, a não ser a este cachorro que o segue. Quando os corações das demais crianças ainda estão puros de sentimentos, o do Sem-Pernas já estava cheio de ódio. Odiava a cidade, a vida, os homens. Amava unicamente o seu ódio, sentimento que o fazia forte e corajoso apesar do defeito físico. (...)"

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (fragmento)

ATIVIDADE 6

D043_P Reconhecer recursos estilísticos utilizados na construção de textos.

No trecho "Amava unicamente o seu ódio", o recurso estilístico foi utilizado para

- A) causar um exagero na descrição dos sentimentos do personagem.
- B) estabelecer uma comparação implícita entre os dois sentimentos.
- C) atribuir ao ódio qualidades humanas, como a capacidade de ser "amado".
- D) substituir um sentimento por outro relacionado, ignorando a ideia do ódio.
- E) apresentar um contraste de significados entre sentimentos tradicionalmente opostos.

A POESIA DE 30

Como poetas da denominada "Geração de 30", destacam-se, além de Carlos Drummond de Andrade, que é um dos escritores mais importantes e prestigiados de nossa tradição literária, Jorge de Lima, Cecília Meireles, Murilo Mendes, Henriqueta Lisboa, Mario Quintana, Dante Milano, Augusto Frederico Schmidt, Emílio Moura, Joaquim Cardozo, Dantas Mota e Guilhermino César.

Entre as várias tendências da poesia da 2.ª fase modernista, destacamos:

- A abordagem de temas ligados ao contexto histórico nacional (Revolução de 1930 e governo Vargas) e internacional (Segunda Guerra e Pós-Guerra);
- A adoção, por muitos poetas, de um estilo misto, ou mesclado, assim chamado por misturar imagens e palavras vulgares (não poéticas) e temas considerados elevados (como a amor e morte);
- A retomada (e a renovação) de temas existenciais, como o tempo, o amor e a morte;
- A abordagem do próprio fazer poético (metalinguagem);
- A composição de poemas sob a influência do Surrealismo e da Psicanálise de Freud.

PRINCIPAIS AUTORES E OBRAS

AS MÚLTIPLAS FACES DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Leitura

“No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do mundo**. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 34.

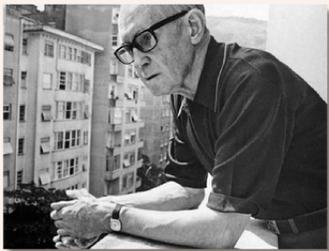
A repetição da estrutura "tinha uma pedra no meio do caminho" reforça a ideia de obstáculo e monotonia, criando um ritmo quase hipnótico.

O uso da pontuação mínima (apenas pontos finais) contribui para a cadência do poema, mantendo um fluxo contínuo e quase ininterrupto.

A ausência de vírgulas e a distribuição dos versos criam pausas naturais na leitura, obrigando o leitor a desacelerar e refletir sobre a "pedra" como símbolo de dificuldades, desafios ou acontecimentos marcantes.

A mudança de tom na segunda parte do poema ("Nunca me esquecerei") introduz uma nova perspectiva: a pedra não é apenas um elemento físico, mas um acontecimento marcante que deixou marcas profundas na memória do eu lírico.

Esse termo ("pedra"), repetido diversas vezes ao longo do texto, assume um significado simbólico e polissêmico, permitindo múltiplas interpretações (obstáculo/dificuldade, metáfora da própria condição humana etc.).



Carlos Drummond de Andrade*

Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira, Minas Gerais, em 1902. Em 1920, iniciou suas atividades jornalísticas e poéticas. Participou da fundação de *A revista*, publicação que divulgava o modernismo mineiro. Trabalhou na Secretaria de Educação de Minas Gerais e foi chefe de gabinete do então ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema. Faleceu em 1987, no Rio de Janeiro.

O primeiro livro de Drummond, *Alguma poesia* (1930), e o seguinte, *Brejo das almas* (1934), revelam um eu lírico em descompasso com o mundo, um “eu todo retorcido”, um *gauche* (palavra francesa que significa “esquerdo”, “diferente”, “desajeitado”; “tímido”, “incapaz”). O poeta é ainda um representante da fase heroica do Modernismo, que se vale de poemas-piada, metalinguagem, ironia, humor, coloquialismo e crítica social. Mas a isso acrescenta **reminiscências familiares, lembranças da cidade natal, desencanto com a existência, sensação de isolamento, impossibilidade de comunicação**. Tão conhecido como *No meio do caminho* é o poema que abre o livro de estreia do autor mineiro, *Poema de sete faces*.

Leitura

“ Poema de sete faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1988. p. 4.

* Disponível em: <https://www.carlosdrummond.com.br/conteudos/visualizar/Na-caca-ao-urso> Acesso em: 28 de Jan, de 2025.



Leia o texto abaixo e responda.

Capitães da Areia

(Jorge Amado)

“É aqui também que mora o chefe dos Capitães da Areia: Pedro Bala. Desde cedo foi chamado assim, desde seus cinco anos. Hoje tem quinze anos. Há dez que vagabundeia nas ruas da Bahia. Nunca soube de sua mãe, seu pai morrera de um balaço. Ele ficou sozinho e empregou anos em conhecer a cidade. Hoje sabe de todas as suas ruas e de todos os seus becos. Não há venda, quitanda, botequim que ele não conheça. Quando se incorporou aos Capitães da Areia (o cais recém-construído atraiu para suas areias todas as crianças abandonadas da cidade) o chefe era Raimundo, o Caboclo, mulato avermelhado e forte.

Não durou muito na chefia o caboclo Raimundo. Pedro Bala era muito mais ativo, sabia planejar os trabalhos, sabia tratar com os outros, trazia nos olhos e na voz a autoridade de chefe. Um dia brigaram. A desgraça de Raimundo foi puxar uma navalha e cortar o rosto de Pedro, um talho que ficou para o resto da vida. Os outros se meteram e como Pedro estava desarmado deram razão a ele e ficaram esperando a revanche, que não tardou. Uma noite, quando Raimundo quis surrar Barandão, Pedro tomou as dores do negrinho e rolaram na luta mais sensacional a que as areias do cais jamais assistiram. Raimundo era mais alto e mais velho. Porém Pedro Bala, o cabelo loiro voando, a cicatriz vermelha no rosto, era de uma agilidade espantosa e desde esse dia Raimundo deixou não só a chefia dos Capitães da areia, como o próprio areal. Engajou tempos depois num navio.

Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala à chefia, e foi dessa época que a cidade começou a ouvir falar nos Capitães da Areia, crianças abandonadas que viviam do furto.”

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (fragmento)

ATIVIDADE 4

D074_P Compreender a presença do cânone e das manifestações literárias populares como obras de historicidade e atemporalidade importantes para a formação humana e construção do seu meio social, valorizando artística e culturalmente as mais diversas produções literárias locais, nacionais e internacionais.

Um valor social presente nesse texto é

- A) a forte crítica à desigualdade, utilizando uma linguagem experimental e fragmentada, além de apresentar um nacionalismo exaltado.
- B) a reflexão sobre as desigualdades, retratando a dura realidade das crianças abandonadas, e a crítica à exclusão social.
- C) a abordagem questões como a marginalização dos mais pobres, com um foco maior na introspecção psicológica dos personagens, sem ênfase em crítica política ou social.
- D) a denúncia das injustiças sociais e a descrição romantizada da vida dos menores abandonados, utilizando uma abordagem objetiva e imparcial.
- E) a visão individualista e filosófica sobre as questões da época por meio de uma linguagem subjetiva e imparcial.



- B) reflete, por meio de sua temática urbana e cosmopolita, a modernização do Brasil assim como a vinda de retirantes para as capitais.
 C) apresenta um compromisso social e regionalista, retratando a seca, a migração e a vida dos retirantes.
 D) enfatiza a subjetividade da narrativa, seguindo o modelo do romance psicológico introspectivo.
 E) manifesta-se pelo enaltecimento econômico do Brasil, destacando um sertão próspero e em desenvolvimento.

Leia o texto abaixo e responda.

Olhai os Lírios do Campo
 (Érico Veríssimo)

“Se naquele instante – refletiu Eugênio – caísse na Terra um habitante de Marte, havia de ficar **embasbacado** ao verificar que num dia tão maravilhosamente belo e macio, de sol tão dourado, os homens em sua maioria estavam metidos em escritórios, oficinas, fábricas... e se perguntasse a qualquer um deles: ‘Homem, porque trabalhas com tanta fúria durante todas as horas de sol?’ – ouviria esta resposta singular: ‘Para ganhar a vida.’ E no entanto, a vida ali estava a se oferecer toda, numa gratuidade milagrosa. Os homens viviam tão ofuscados por desejos ambiciosos que nem sequer davam por ela. Nem com todas as conquistas da inteligência tinham descoberto um meio de trabalhar menos e viver mais. Agitavam-se na terra e não se conheciam uns aos outros, não se amavam como deviam. A competição os transformava em inimigos. (...)”

VERISSIMO, Erico. **Olhai os Lírios do Campo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. (fragmento)

Glossário

Embascado: admirado, pasmado ou alguém que foi surpreendido.

ATIVIDADE 3

D074_P Compreender a presença do cânone e das manifestações literárias populares como obras de historicidade e atemporalidade importantes para a formação humana e construção do seu meio social, valorizando artística e culturalmente as mais diversas produções literárias locais, nacionais e internacionais.

O valor humano em evidência nesse texto é

- A) a busca incessante pelo poder e pela riqueza material como símbolos de sucesso.
 B) a desconexão do ser humano com a natureza e a importância de se viver em harmonia com o mundo ao redor.
 C) a necessidade de competição constante para o progresso individual, sem considerar os outros.
 D) a reflexão sobre o equilíbrio entre trabalho e vida, destacando a gratuidade da vida e a negligência das coisas simples.
 E) a defesa da obediência cega às normas sociais e à rotina, sem questionamentos sobre seu real valor.



O *Poema de sete faces*, em sua fase inicial, apresenta **ironia** e a sensação de **desajuste do eu lírico** diante do mundo. Combina versos de medidas variadas (versos polimétricos) para refletir as múltiplas facetas do eu, que varia entre fragilidade, introspecção e encanto pela vida.

Drummond mescla o eu ficcional com o eu real, referindo-se a si mesmo diretamente e indiretamente no poema. O autor também utiliza **humor** para questionar a rima e insere interlocutores ao dialogar com “Deus” e com um “te”, mostrando o eu lírico como **humano, vulnerável e emotivo**.

Tendo escrito algumas de suas obras fundamentais entre as décadas de 1930 e 1950, o autor focalizou as várias faces de um Brasil que participava das transformações getulistas, espantava-se com as atrocidades da Segunda Guerra Mundial e percebia, perplexo, os descaminhos do mundo no pós-guerra. O desencanto com a destruição em massa causada pela guerra marca a poesia de Drummond, mas permite acalentar um resto de esperança, como se percebe no poema *A flor e a náusea*.

Leitura

“ *A flor e a náusea*

*Preso à minha classe e a algumas roupas,
 vou de branco pela rua cinzenta.
 Melancolias, mercadorias espreitam-me.
 Devo seguir até o enjoo?
 Posso, sem armas, revoltar-me?*

[...]
*Uma flor nasceu na rua!
 Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.*

*Uma flor ainda desbotada
 ilude a polícia, rompe o asfalto.
 Façam completo silêncio, paralísem os negócios,
 garanto que uma flor nasceu.*

*Sua cor não se percebe.
 Suas pétalas não se abrem.
 Seu nome não está nos livros.
 É feia. Mas é realmente uma flor.*

*Sento no chão da capital do país às cinco horas da tarde
 e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
 Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
 Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
 É feia. Mas é uma flor. Furo o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.*



MURILO MENDES: LIBERDADE E TRANSCENDÊNCIA

Murilo Mendes construiu uma obra diversificada, abrangendo poemas, crônicas e textos críticos. Entre seus principais trabalhos estão *História do Brasil* (1932), *A poesia em pânico* (1938), *O visionário* (1941) e *As metamorfoses* (1944). Sua produção literária reflete diferentes vertentes, incluindo poemas humorísticos, paródicos, de inspiração surrealista e de temática religiosa. O misticismo católico, aliás, é um elemento marcante em sua escrita.

Em 1935, em colaboração com Jorge de Lima, publicou *Tempo e eternidade*, obra que buscou "restaurar a poesia em Cristo", utilizando imagens e símbolos que fundem tempo e espaço para instaurar a ideia de unidade.

Leitura

Poema espiritual

*Eu me sinto um fragmento de Deus
Como sou um resto de raiz
Um pouco de água dos mares
O braço desgarrado de uma constelação.*

*A matéria pensa por ordem de Deus,
Transforma-se e evolui por ordem de Deus.
A matéria variada e bela
É uma das formas visíveis do invisível.
Cristo, dos filhos do homem é o perfeito.*

*Na Igreja há pernas, seios, ventres e cabelos
Em toda a parte, até nos altares.
Há grandes forças de matéria na terra, no mar e no ar
Que se entrelaçam e se casam reproduzindo
Mil versões dos pensamentos divinos.
A matéria é forte e absoluta
Sem ela não há poesia.*

MENDES, Murilo. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 296.



Murilo Mendes*.

Murilo Mendes nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, em 1901. Na década de 1920, colaborou no jornal *A Tarde*, de Juiz de Fora, com o pseudônimo De Medinacelli. Em 1930, publicou seu primeiro livro, intitulado *Poemas*, e recebeu o Prêmio Graça Aranha de Poesia. Durante as décadas de 1930 e 1940 publicou livros de poesia e colaborou em vários jornais. No final da década de 1950, mudou-se para a Europa e tornou-se professor de literatura na Itália. Faleceu em Lisboa, em 1975.

Em *Poema espiritual*, nota-se a criatividade do autor ao unir religiosidade e sensualidade, articulando as dimensões material e espiritual da vida, concebidas por ele como manifestações de uma mesma ordem universal.

* Disponível em: <https://revistaacrobata.com.br/florianomartin/poesia/murilo-mendes-brasil-1901-1975-serie-um-seculo-de-surrealismo-poetas/> Acesso em: 28 de Jan. de 2025.



Leia o texto abaixo e responda.

O Quinze

(Rachel de Queiroz)

"Agora, ao Chico Bento, como único recurso, só restava **arribar**. Sem legume, sem serviço, sem meio de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse. Depois, o mundo é grande e no Amazonas sempre há borracha... Alta noite, na **camarinha** fechada que uma lamparina **moribunda** alumiaava mal, combinou com a mulher o plano de partida. Ela ouvia chorando, enxugando na varanda encarnada da rede, os olhos cegos de lágrimas. Chico Bento, na confiança do seu sonho, procurou animá-la, contando-lhe os mil casos de retirantes enriquecidos no Norte. [...]. Cordulina ouvia, e abria o coração àquela esperança; mas correndo os olhos pelas paredes de **taipa**, pelo canto onde na redinha remendada o filho pequenino dormia, novamente sentiu um aperto de saudade, e lastimou-se: - Mas, Chico, eu tenho tanta pena da minha barraquinha! Onde é que a gente vai viver, por esse mundão de meu Deus? A voz dolente do vaqueiro novamente se ergueu em consolações e promessas: - Em todo pé de pau há um galho **mode** a gente armar a **tipoi**a... E com umas noites assim limpas até dá vontade de se dormir no tempo... Se chovesse, quer de noite, quer de dia, tinha carecido se ganhar o mundo atrás de um gancho? Cordulina baixava a cabeça. Chico Bento continuou a falar. [...]"

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. (fragmento)

Glossário

- Arribar:** ir embora, partir, retirar-se.
- Camarinha:** pequeno cômodo ou quarto simples.
- Moribunda:** que ou aquele que está quase a morrer.
- Taipa:** construção feita de barro ou terra batida.
- Mode:** forma popular de dizer "para" ou "de modo que".
- Tipoi:** rede ou espécie de cama improvisada feita de pano ou corda.

ATIVIDADE 2

D074_P Compreender a presença do cânone e das manifestações literárias populares como obras de historicidade e atemporalidade importantes para a formação humana e construção do seu meio social, valorizando artística e culturalmente as mais diversas produções literárias locais, nacionais e internacionais.

Com base no trecho de "O Quinze", de Rachel de Queiroz, podemos identificar características da 2.ª fase modernista pois a obra

A) valoriza a experimentação linguística regional e cultural, além do uso de formas poéticas para retratar o sertão de modo romantizado.



Atividades

Leia o texto abaixo e responda.

Vidas Secas

(Graciliano Ramos)

“Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da **caatinga** rala.

Arrastaram-se para lá, devagar, Sinha Vitória com o filho mais novo **escanchado** no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, **cambaio**, o **aió** a tiracolo, a **cuia** pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de **pederneira** no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás. [...] Miudinhos, perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarraram-se, somaram as suas desgraças e os seus pavores.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. São Paulo: Editora Record, 2013. (fragmento)

Glossário

Aió: bolsa para caçada, feita de fibras de caroá.

Caatinga: vegetação típica do Nordeste brasileiro e de parte do Norte de Minas Gerais.

Cambaio: que tem dificuldade em andar ou manter-se de pé.

Cuia: usada como sinônimo de "vaso" ou "recipiente", dependendo do contexto.

Escanchado: sentar-se abrindo as pernas.

Pederneira: pedra que se fere com o fuzil para produzir fogo.

ATIVIDADE 1

D074_P Compreender a presença do cânone e das manifestações literárias populares como obras de historicidade e atemporalidade importantes para a formação humana e construção do seu meio social, valorizando artística e culturalmente as mais diversas produções literárias locais, nacionais e internacionais.

Nesse texto, um aspecto da cultura brasileira em destaque está relacionado ao

- religioso, explorando elementos e realidades que fogem à lógica do mundo real.
- histórico, tratando de personagens com jornadas heroicas e feitos históricos.
- regionalista, explorando o povo, a cultura, a paisagem e a linguagem de uma região.
- narrativo, em que o narrador é um personagem da história e conta os fatos sob seu ponto de vista.
- ambiental, abordando a falta de sustentabilidade da família ao longo de sua jornada como retirantes.

Leia outros poemas de Murilo Mendes.

“ Canção do exílio

*Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza.
Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista,
os sargentos do exército são monistas, cubistas,
os filósofos são polacos vendendo a prestações.
A gente não pode dormir
com os oradores e os pernalongos.
Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.
Eu morro sufocado
em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.*

*Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade
e ouvir me sabiá com certidão de idade!*

MENDES, Murilo. **O menino experimental**: antologia. São Paulo: Summus, 1979, p. 31.

O poema *Canção do exílio* é uma crítica irônica e bem-humorada à visão idealizada do Brasil presente na poesia romântica, especialmente no poema *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias. Ao fazer referência à flora e fauna brasileiras, o autor subverte as imagens de um Brasil paradisíaco e inexplorado, para mostrar a realidade de um país dilacerado pela exploração e pelo domínio de ideologias estrangeiras. Por meio de uma linguagem sarcástica, Mendes revela a dissonância entre o Brasil natural e exuberante idealizado pelos românticos e a dura realidade de um país marcado por desigualdade e expropriação.

“ Pré-história

*Mamãe vestida de rendas
Tocava piano no caos.
Uma noite abriu as asas
Cansada de tanto som,
Equilibrou-se no azul,
De tonta não mais olhou
Para mim, para ninguém:
Cai no álbum de retratos.*

MENDES, Murilo. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 209.

Pré-história, de Murilo Mendes, é um poema surrealista que subverte a realidade, apresentando imagens oníricas e desconcertantes. A figura materna, central na obra, transcende o cotidiano ao adquirir dimensões míticas, como ao *"abrir as asas"* e *"cair no álbum de retratos"*, evocando a fragilidade entre o real e o imaginário. Essas imagens exploram o inconsciente e o irracional, criando uma experiência poética única, em que a lógica é desafiada e a percepção do mundo se torna distorcida e enigmática, característica do surrealismo.

JORGE DE LIMA: UMA POESIA ENGAJADA

Jorge de Lima (1893-1953), filho de um senhor de engenho em declínio, teve contato direto com a realidade da escravidão no Nordeste, que, em diversos aspectos, persistiu após a abolição. Dessa forma, sua vivência pessoal proporcionou elementos para a criação de diversos poemas nos quais ele retratou de maneira marcante a realidade do Brasil.



Jorge de Lima*.

Jorge de Lima nasceu em União, no estado de Alagoas, em 1893. Estudou Medicina na Bahia e no Rio de Janeiro e exerceu a profissão em Alagoas, onde também ocupou cargos públicos. Na década de 1920, publicou os livros *O mundo do menino impossível* e *Essa negra Fulô*, que é o título de seu poema mais conhecido. Além de poesia, escreveu também ensaios, peças de teatro e romances. Morreu em 1953.

Os poemas de Jorge de Lima se destacam pela elaboração rítmica e pela inclusão de variedades linguísticas, abordando temas como **os vestígios da escravidão** e a **desigualdade social**, especialmente no contexto nordestino. Além de obras com foco social, ele também produziu poesias de **teor religioso**, marcadas por um forte misticismo. Entre suas principais obras estão *Essa negra Fulô* (1928), *Poemas escolhidos* (1932), *A túnica inconsútil* (1938), *Poemas negros* (1947), *Obra poética* (1950) e *Invenção de Orfeu* (1952). Devido a sua extensa produção, o autor, conhecido como o "príncipe dos poetas de Alagoas", foi objeto de análises de importantes críticos literários, como Mário Faustino, Otto Maria Carpeaux e Roger Bastide.

Leitura

66 Maria Diamba

Para não apanhar mais
falou que sabia fazer bolos:
virou cozinha.
Foi outras coisas para que tinha jeito.
Não falou mais.
Viram que sabia fazer tudo,
até molecas para a Casa-Grande.
Depois falou só,
só diante da ventania
que ainda vem do Sudão;
falou que queria fugir
dos senhores e das judiarias deste mundo
para o sumidouro.

LIMA, Jorge de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 315.

No poema *Maria Diamba*, o autor discute as posturas que a mulher escravizada tem de assumir para sobreviver na sociedade colonial, em que ela é tratada como objeto: *"falou que sabia fazer bolos: / virou cozinha"*. Também a exploração do corpo feminino é denunciada, já que no texto a escravizada acaba por fazer *"até molecas para a Casa-Grande"*. Em contraponto a essa condição submissa à qual Maria Diamba é forçada a se adaptar, observa-se sua postura resistente: quando encontra oportunidade, *"só diante da ventania / que ainda vem do Sudão"*, ela fala da possibilidade de fuga como um desejo a consolar seus dias de sofrimento.

* Disponível em: <https://revistaacrobata.com.br/florianomartin/poesia/murilo-mendes-brasil-1901-1975-serie-um-seculo-de-surrealismo-poetas/>. Acesso em: 28 de Jan. de 2025.

Material Extra

Livro Didático "Se liga nas linguagens: português", PNLD 2021 do Ensino Médio

Pdf do arquivo disponível em:
https://pnld.moderna.com.br/wp-content/uploads/2021/05/Se-liga-nas-linguagens_Port.pdf

Atividades no capítulo 13 do livro didáticos abordam a 2.ª fase do Modernismo e a prosa de 30: p.216-219 (no pdf).



Vídeo "SEGUNDA FASE DO MODERNISMO - PROSA (Geração de 30) | Escolas Literárias"

Disponível na plataforma do YouTube:
https://youtu.be/IGmZHrihXN8?si=-Ta8TC-Qjex1pe2j_



Os restauradores chamavam os liberais de “farroupilhas” e “pés de cabra”. Os liberais retrucavam, chamando seus adversários de “retrógrados”, “galegos”, “caramurus”. Ninguém se entendia mais. E – concluiu Bento Amaral – a coisa estava muito feia. O pe. Lara andava inquieto porque tudo indicava que ia rebentar uma guerra civil. — Que rebente! — exclamou um dia Rodrigo, exaltado. — Quanto tempo faz que esta gente não briga? As espadas e as lanças já estão enferrujadas, e os homens estão ficando molengas.

Verissimo, Erico. **O tempo e o vento:** parte I – O continente. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 328-329. Adaptado para fins didáticos.

Glossário

- Caramuru:** no sentido pejorativo, apelido dado por um povo indígena aos primeiros portugueses;
- Farroupilha:** indivíduo maltrapilho;
- Galego:** no sentido pejorativo, indivíduo nascido em Portugal, de baixo nível cultural;
- Pe.:** abreviatura de padre;
- Pé de cabra:** sinônimo de diabo.

CONTEXTO SOCIAL

- Instabilidade política após a abdicação de d. Pedro I;
- Santa Fé em processo de transformação de povoado para vila;
- Conflitos entre partidos políticos (Restauradores e Liberais);
- Presença de figuras influentes na política local, como o coronel Amar.

PERSONAGENS

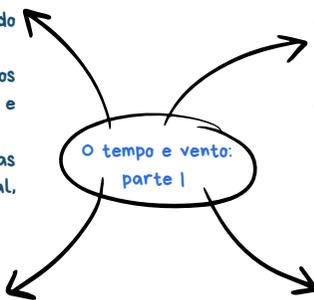
- Capitão Rodrigo: figura destemida e provocadora, anseia por conflitos e ação;
- Pe. Lara: personagem preocupado com a iminência de uma guerra civil;
- Cel. Ricardo e Cel. Amaral: representantes da aristocracia rural envolvidos nas disputas políticas.

LINGUAGEM E RECURSOS ESTILÍSTICOS

- Diálogos diretos que destacam a personalidade das personagens;
- Linguagem coloquial em alguns trechos (“Que rebente!”);
- Construção imagética das tensões políticas (referências a tapas, socos e xingamentos);
- Uso de expressões regionais e históricas (“farroupilhas”, “pés de cabra”, “caramurus”).

TEMÁTICAS

- Política e tensões sociais: embates entre liberais e restauradores;
- Guerra e violência: desejo pela retomada dos conflitos como forma de ação e reafirmação da masculinidade;
- Conservadorismo versus progresso: debate sobre a volta de d. Pedro I e o avanço liberal;
- Transformações urbanas e políticas em Santa Fé.



“Essa negra Fulô

Ora, se deu que chegou
(Isso já faz muito tempo)
no banguê dum meu avô
uma negra bonitinha,
chamada negra Fulô.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)
— Vai forrar a minha cama
pentear os meus cabelos
vem ajudar a tirar
a minha roupa, Fulô!

Essa negra Fulô!

Essa negrinha Fulô!
ficou logo pra mucama
pra vigiar a Sinhá,
pra engomar pro Sinhô!

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)
Vem me ajudar, ó Fulô,
Vem abanar o meu corpo
Que eu estou suada, Fulô!
Vem coçar minha coceira,
vem me catar cafuné,
vem balançar minha rede,
vem me contar uma história,
que eu estou com sono, Fulô!

Essa negra Fulô!

“Era um dia uma princesa
que vivia num castelo
que possuía um vestido
com os peixinhos do mar.

LIMA, Jorge de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 255.

Entrou na perna dum pato
saiu na perna dum pinto
o Rei-Sinhô me mandou
que vos contasse mais cinco.”

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?
Vai botar para dormir
esses meninos, Fulô!
“Minha mãe me penteou
minha madrasta me enterrou
pelos figos da figueira
que o Sabiá beliscou.”

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?
(Era a fala da Sinhá
chamando a negra Fulô)
cadê meu frasco de cheiro
que teu Sinhô me mandou?

— Ah! Foi você que roubou!
Ah! Foi você que roubou!
O Sinhô foi ver a negra
levar couro do feitor.
A negra tirou a roupa,
O Sinhô disse: Fulô!
(A vista se escureceu
que nem a negra Fulô.)

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?
Cadê meu lenço de rendas,
cadê meu cinto, meu broche,
cadê meu terço de ouro
que teu Sinhô me mandou?
Ah! Foi você que roubou.

Ah! Foi você que roubou.
Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

O Sinhô foi açoitar
sozinho a negra Fulô.
A negra tirou a saia
e tirou o cabeçã,
de dentro dele pulou
nuinha a negra Fulô.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?
Cadê, cadê teu Sinhô
que Nosso Senhor me mandou?
Ah! Foi você que roubou,
foi você, negra Fulô?
Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?
Cadê, cadê teu Sinhô
que Nosso Senhor me mandou?
Ah! Foi você que roubou,
foi você, negra Fulô?
Essa negra Fulô!

O poema *Nega Fulô* apresenta uma forte carga de **denúncia social** ao retratar a exploração e a opressão enfrentadas pela personagem-título. A repetição do nome “Fulô” ao longo do poema funciona como um refrão que demarca o ritmo e reforça o protagonismo dessa figura constantemente **vigiada e objetificada** por seus senhores. A escolha do termo “Fulô”, uma variação regional de “flor”, também remete à oralidade nordestina, conferindo ao texto um caráter regionalista. Além disso, o poema evidencia a tensão entre a escravizada e os seus donos: Fulô é injustamente acusada de furtos, punida e submetida ao assédio do senhor. A obra ainda sugere um elemento de ciúme por parte da senhora, revelando **as complexas dinâmicas de poder e desejo** presentes na sociedade patriarcal e escravocrata brasileira.

CECÍLIA MEIRELES E A SENSIBILIDADE POÉTICA

Cecília Meireles é uma poeta que não se encaixa facilmente em um único estilo literário. Sua obra é um exemplo de como ela soube combinar formas poéticas tradicionais e modernas. Ao longo de sua carreira, ela resgata estruturas antigas, com ritmos suaves e simplicidade, típicas da poesia medieval e clássica. No entanto, sua poesia não se limita ao passado. Cecília também traz elementos mais modernos, como uma musicalidade marcante e a busca por uma transcendência espiritual que vai além do simbolismo. Essa fusão entre o tradicional e o contemporâneo torna sua obra única, criando uma poesia que respeita a tradição, mas também inova, com uma visão atemporal.



Cecília Meireles.*

Cecília Meireles nasceu em 1901, no Rio de Janeiro. Órfã de pai e mãe, aos 3 anos de idade passou a ser criada pela avó materna. Professora formada pelo Instituto de Educação, lecionou em escolas do Rio de Janeiro. Em 1919, estreou na literatura com a publicação do livro *Espectros*, com dezessete sonetos de temas históricos. Colaborou nos jornais *Diário de notícias* e *A manhã* publicando vários artigos sobre temas educacionais. Morreu em 1964.

Entre as principais obras de Cecília Meireles estão *Viagem* (1939), *Vaga música* (1942), *Romanceiro da Inconfidência* (1953), em que reconstitui a história da Inconfidência Mineira, *Canções* (1956) e *Ou isto ou aquilo* (1964), livro de poemas infantis. As crônicas da escritora, quase todas publicadas em jornal, foram reunidas postumamente em livros.

* Disponível em: <https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/3017-cecilia-meireles-a-poetisa-que-era-mestre-na-arte-de-ver-o-mundo>. Acesso em: 28 de Jan. de 2025.

A busca pela transcendência e o existencialismo

Cecília Meireles é conhecida por sua busca constante por uma compreensão mais profunda da vida, da morte e do sentido da existência. Seus poemas muitas vezes refletem uma busca espiritual, mas não de uma maneira religiosa tradicional. Ela busca transcendência através da poesia, explorando temas como o tempo, a efemeridade da vida e a permanência da arte.

A música e a sonoridade

A musicalidade é um dos aspectos mais marcantes na obra de Cecília Meireles. Seus poemas são extremamente sonoros, com uma cadência que lembra a música, o que torna a leitura de seus versos uma experiência sensorial rica. Ela era muito atenta ao ritmo e à harmonia das palavras, o que a torna uma das poetisas mais líricas da literatura brasileira.

A relação com a natureza

A natureza, especialmente o mar e o céu, aparece frequentemente em seus poemas como metáforas para o estado de espírito humano e como reflexões sobre a vida e a morte. Ela consegue transformar elementos naturais simples em símbolos poderosos de introspecção e transcendência.

A representação da mulher e da solidão

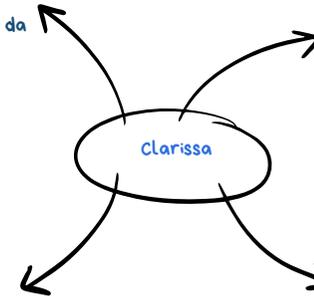
Cecília Meireles explora temas como a solidão, o silêncio e a introspecção, frequentemente a partir da perspectiva feminina. Suas poesias abordam a condição da mulher em diferentes aspectos, como a fragilidade, a busca por identidade e a necessidade de expressão interior. Ela foi uma das primeiras escritoras a tratar a mulher com essa profundidade no contexto literário brasileiro.

CONTEXTO SOCIAL

- Prosa descritiva e introspectiva;
- Momento de reflexão da protagonista.

PERSONAGENS

- Jovem sensível e contemplativa
- Vivencia um momento de despedida;
- Saudade antecipada e nostalgia.



TEMÁTICAS

- Saudade: sentimento de perda iminente;
- Conexão com o cotidiano: recordações afetivas com pessoas, animais e cenários;
- Natureza: percepção sensível do luar e da paisagem noturna;
- Imaginação: desejo de guardar o luar como algo precioso.

LINGUAGEM E RECURSOS ESTILÍSTICOS

- Linguagem poética: uso de metáforas e comparações (árvores borrifadas de leite);
- Discurso indireto livre: fusão entre a voz do narrador e os pensamentos da personagem;
- Descrições sensoriais (sinestesia): referências a cheiros, luzes e texturas;
- Narrativa introspectiva: foco nos sentimentos e percepções de Clarissa.

A **ambientação urbana** é sutilmente sugerida por elementos como o relógio da sala e os quintais vizinhos, típicos da fase urbano-burguesa do autor. A **relação sensorial** com a natureza, intensificada por metáforas, reflete uma dimensão emocional na narrativa.

Por fim, a reflexão sobre a passagem do tempo e o sentimento de despedida traduzem o amadurecimento de Clarissa, evidenciando uma melancolia nostálgica que permeia a obra.

“ Um certo capitão Rodrigo

O ano de 1833 aproximava-se do fim. A população de Santa Fé estava alvoroçada, pois confirmara-se a notícia de que em 1834 o povoado seria elevado a vila. No entanto o assunto preferido de todas as rodas era a política. Gente bem informada, vinda de Porto Alegre e do Rio Pardo, contava histórias sombrias. Depois da **abdicação** de d. Pedro I, as coisas na corte andavam confusas. [...]

Muitas vezes o pe. Lara ia conversar com o cel. Ricardo no **casario** de pedra e vinha de lá com “notícias frescas”, que transmitia a alguns amigos na venda do Nicolau ou na do cap. Rodrigo. O **cel.** Amaral inclinava-se ora para o lado do Partido Restaurador, que desejava a volta de d. Pedro I ao trono, ora para o Partido Liberal de Bento Gonçalves, que se opunha àquele. [...] Nas ruas da cidade, liberais e restauradores discutiam, diziam-se nomes, **engalfinhavam-se** a tapas e socos.

Glossário

- Abdicação:** renúncia;
- Cap.:** abreviatura de capitão;
- Casario:** aglomerado de casas;

- Cel.:** abreviatura de coronel;
- Engalfinhar-se:** atracar-se;

Adaptações para a televisão

A obra *Incidente em Antares* foi adaptada para a televisão como minissérie e exibida em doze capítulos, em 1994. Fernanda Montenegro representou dona Quitéria, Paulo Betti representou Cícero Branco e Diogo Vilela, João Paz.

Também o romance *O tempo e o vento* foi adaptado por Regina Braga e Doc Comparato, em minissérie exibida em 25 capítulos em 1985, sob a direção de Paulo José. A minissérie desenvolveu apenas tramas abordadas na primeira parte da obra: *O Continente*.



ALVES, Roberta Fernandes; MARTIN, Vima Lia. **Veredas da palavra**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2016. *Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/erico-verissimo.htm> Acesso em: 06 de Fev. de 2025.



Divulgação/NV Globo

Leitura

Leia a seguir trechos de duas obras de Erico Verissimo.

Clarissa

Sem sono, Clarissa debruça-se à janela. A noite está clara. Refrescou. Uma lua enorme, cheia, muito clara. Os quintais estão **raizados** de sombra e de luz. Parece que o disco da lua se **enredou** entre a ramagem folhuda do **plátano** grande do quintal da casa onde d. Tatá morava.

O relógio, na sala, bate onze horas.

Cabeça encostada na vidraça, Clarissa pensa...

Como o tempo passou... Parece que o ano começou ontem. Entretanto, quanta coisa aconteceu! Sempre desejou voltar para casa. Mas, agora que o dia da partida se aproxima, ela sente algo de esquisito no peito, uma espécie de saudade antecipada. Vai sentir falta de tudo isto, de todos estes aspectos, de todas estas caras, de todos estes ruídos. Vai se lembrar sempre do papagaio, que sabe dizer o seu nome, do gato, que lhe roça preguiçosamente as pernas, da **sia** Andreza, que vive na cozinha como uma gata borralheira. Sentirá falta de tia Zina, do Tio Couto, de Amaro. E quem sabe se também de Ondina e Nestor: a vida é tão engraçada... Nunca mais lhe sairá da memória a risada contente do major...

Fora, o luar cresce, branco, **tênue**, inundando a paisagem.

Clarissa infla as narinas. Parece-lhe que o luar tem um perfume todo especial. Se ela pudesse pegar o luar, fechá-lo na palma da mão, guardá-lo numa caixinha ou no fundo de uma gaveta para soltá-lo nas noites escuras... Como é bonito o luar! Parece que as árvores estão borrifadas de leite. Longe, na encosta dos morros piscam luzes, como vaga-lumes aprisionados. O rio está cheio duma **fosforescência argentina**.

VERISSIMO, Erico. **Clarissa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 190-191.

Glossário

Argentino: que brilha como a prata; que tem a cor da prata;

Enredar: emaranhar;

Fosforescência: brilho;

Plátano: espécie de árvore

Raizado: com raiais; com traços;

Sia: sinhá; senhora;

Tênue: suave;

Leia a seguir um dos poemas que compõem a obra *Romanceiro da Inconfidência*. Nele, é denunciada a busca obstinada por ouro, que gera disputas, prisões e até mesmo a morte.

Leitura

Romance II ou Do ouro incansável



Mil bateias vão rodando
sobre córregos escuros;
a terra vai sendo aberta
por intermináveis sulcos;
infinitas galerias
penetram morros profundos.

De seu calmo esconderijo,
o ouro vem, dócil e ingênuo;
torna-se pó, folha, barra,
prestígio, poder, engenho...
É tão claro! — e turva tudo:
honra, amor e pensamento.

Borda flores nos vestidos,
sobe a opulentos altares,
traça palácios e pontes,
eleva os homens audazes
e acende paixões que alastram
sinistras rivalidades.

Pelos córregos, definham
negros a rodar bateias.
Morre-se de febre e fome
sobre a riqueza da terra:
uns querem metais luzentes,
outros, as redradas pedras.

Ladrões e contrabandistas
estão cercando os caminhos;
cada família disputa
privilégios mais antigos;
os impostos vão crescendo
e as cadeias vão subindo.

Por ódio, cobiça, inveja,
vai sendo o inferno traçado.
Os reis querem seus tributos,
— mas não se encontram vassallos.
Mil bateias vão rodando,
mil bateias sem cansaço.

Mil galerias desabam;
mil homens ficam sepultos;
mil intrigas, mil enredos
prendem culpados e justos;
já ninguém dorme tranquilo,
que a noite é um mundo de sustos.

Descem fantasmas dos morros,
vêm almas dos cemitérios:
todos pedem ouro e prata
e estendem punhos severos,
mas vão sendo fabricadas
muitas algemas de ferro.

MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1987. p. 415-416

Cecília Meireles retoma em sua obra o romanceiro, uma forma poética popular de caráter narrativo originária da tradição ibérica medieval. Embora a redondilha maior (tipo de verso que tem 7 sílabas) seja a métrica predominante, a poeta também faz uso da redondilha menor (5 sílabas em um verso) e do decassílabo (10 sílabas em um verso), demonstrando versatilidade formal.

Cântico VI

Tu tens um medo de
Acabar.

Não vês que acabas todo o dia.

Que morres no amor.

Na tristeza.

Na dúvida.

No desejo.

Que te renovas todo dia.

No amor.

Na tristeza.

Na dúvida.

No desejo.

Que és sempre outro.

Que és sempre o mesmo.

Que morrerás por idades imensas

Até não teres medo de morrer.

E então serás eterno.

MEIRELES, C. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Record, 1963 (fragmento).

O poema convida o leitor à reflexão sobre a condição humana, a finitude e a eternidade, celebrando a obra, celebra a vida em todas as suas nuances, inclusive a morte, e nos convida a encontrar sentido em nossa existência.

Sua obra reúne 85 romances e outros poemas que narram eventos históricos significativos, desde o início da febre do ouro em Minas Gerais até o desfecho trágico da Inconfidência Mineira, com a execução de Tiradentes. As composições também evocam figuras importantes do período, como os poetas Tomás Antônio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa, resgatando a memória de um momento crucial da história brasileira por meio da poesia.

MÁRIO QUINTANA: POESIA E COTIDIANO

Mário Quintana é conhecido por seu lirismo delicado e pela simplicidade de sua linguagem, características que conquistaram leitores ao longo das décadas. Seus poemas, embora despretensiosos na forma, carregam uma profundidade existencial, abordando temas universais como amor, morte, infância e o próprio ato de escrever.

O estilo singular de Quintana se destaca pelo uso de metáforas sutis e imagens cotidianas, transformando pequenas cenas da vida em reflexões poéticas. Sua escrita é direta, acessível, mas nunca superficial, revelando uma habilidade rara em traduzir sentimentos complexos de maneira direta e encantadora. Essa simplicidade lírica fez dele uma figura ímpar na literatura brasileira, sendo frequentemente celebrado como "o poeta das coisas simples".



Jornalista, tradutor e escritor, Mário Quintana nasceu em 1906, na cidade de Alegrete, no Rio Grande do Sul, e estreou como poeta em 1940, com a publicação da obra *A rua dos cataventos*. Entre suas principais obras estão *Aprendiz de feitiçeiro* (1950), *Antologia poética* (1966), *Caderno H* (1973) e *A vaca e o hipogrifo* (1977). Entre os livros que escreveu para crianças, destacam-se *Pé de pilão* (1966), *Lili inventa o mundo* (1983) e *Nariz de vidro* (1984). Morreu em 1994.

*Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1rio_Quintana. Acesso em: 28 de Jan. de 2025

Leitura



Se o poeta falar num gato

Se o poeta falar num gato, numa flor,
num vento que anda por descampados e desvios
e nunca chegou à cidade...
se falar numa esquina mal e mal iluminada...
numa antiga sacada... num jogo de dominó...
Se falar naqueles obedientes soldadinhos de chumbo que morriam de verdade...
se falar na mão decepada no meio de uma escada
de caracol...
Se não falar em nada
e disser simplesmente tralalá... Que importa?
Todos os poemas são de amor!

QUINTANA, Mario. *Esconderijos do tempo*. Porto Alegre: L&PM, 1980. p. 35.

Descampado:
diz-se do campo sem
habitações; local desabitado;
terreno desprovido de árvores,
vegetação etc.

O poema de Mario Quintana destaca a pluralidade temática da poesia, revelando que qualquer assunto, por mais trivial ou inesperado, pode ser uma manifestação de amor. A lista de imagens apresenta elementos variados, como "um gato", "uma esquina mal e mal iluminada", "obedientes soldadinhos de chumbo" e "uma mão decepada no meio de uma escada de caracol". Essas figuras aparentemente desconexas sugerem que a poesia não precisa estar limitada a temas elevados ou românticos para ser significativa.

O autor também produziu a chamada "poesia epigramática", que mistura crítica com finíssimo senso de humor.



CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL

- Sertão nordestino marcado pela seca;
- Condições de miséria e desamparo.

PERSONAGENS

- Fabiano: protagonista que reflete sobre a devastação do sertão;
- Sinhá Vitória: figura sábia que inspira Fabiano com suas tiradas e ideias, representando a esperança e a astúcia em meio à adversidade.



TEMÁTICAS

- Natureza e desolação: seca, morte do gado e devastação ambiental;
- Luta pela sobrevivência: tentativa de recomeço e fuga dos lugares amaldiçoados;
- Crítica existencial e social: confronto com a miséria e o desespero do sertão.

LINGUAGEM E RECURSOS ESTILÍSTICOS

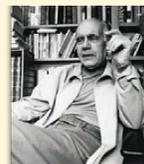
- Uso de metáforas fortes (mulungu enfeitado de penas, arribações que matam);
- Tom melancólico e desolador;
- Narrativa que mescla reflexão (pensamentos de Fabiano) e ação imediata.

ERICO VERISSIMO

Erico Verissimo foi um escritor de grande popularidade, conhecido por suas obras que retratam o cotidiano da burguesia no sul do Brasil. Suas obras podem ser divididas em três fases distintas: **a primeira, urbana (década de 1930)**, aborda a vida da pequena burguesia gaúcha, com destaque para a trilogia *Clarissa*, *Música ao longe* e *Um lugar ao sol*, além dos romances *Caminhos cruzados* e *Olhai os lírios do campo*, que combinam **sondagem psicológica e reflexão social**.

A segunda fase, histórica (décadas de 1940 e 1950), é marcada pela trilogia *O tempo e o vento*, considerada sua obra-prima. Dividida em três partes – *O continente*, *O retrato* e *O arquipélago* –, narra a formação do Rio Grande do Sul ao longo de dois séculos, **mesclando vida de personagens com eventos históricos**, como a Guerra dos Farrapos e o Estado Novo.

A terceira fase, política (décadas de 1960 e 1970), reflete o **contexto de ditaduras** na América do Sul, com obras como *O senhor embaixador* e *Incidente em Antares*, sendo este último marcado por um **toque fantástico**. Embora algumas críticas apontem certa superficialidade em sua **linguagem simples e acessível**, essa característica também é vista como um diferencial que consolidou Verissimo como um dos principais escritores brasileiros do século XX.



Erico Verissimo*

Erico Verissimo nasceu em Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, em 1905. Não cursou faculdade, mas trabalhou como jornalista e tradutor. Fez inúmeras viagens ao exterior, especialmente aos Estados Unidos, onde lecionou literatura brasileira. Entre suas obras, destacam-se *Clarissa* (1933), *Olhai os lírios do campo* (1938), *O tempo e o vento* (1949-1961) e *Incidente em Antares* (1971). Morreu em 1975.



Leitura

A seguir, você irá ler um trecho do penúltimo capítulo de *Vidas secas* em que Fabiano medita sobre um comentário da esposa, sinhá Vitória.

“O mundo coberto de penas

O **mulungu** do bebedouro cobria-se de arribações. Mau sinal, provavelmente o sertão ia pegar fogo. Vinham em bandos, **arranchavam-se** nas árvores da beira do rio, descansavam, bebiam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o sul.

[...]

Como era que sinhá Vitória tinha dito? A frase dela tornou ao espírito de Fabiano e logo a significação apareceu. As **arribações** bebiam a água. Bem. O gado curti sede e morria. Muito bem. As **arribações** matavam o gado. Estava certo. **Matutando**, a gente via que era assim, mas sinhá Vitória largava tiradas embaraçosas. Agora Fabiano percebia o que ela queria dizer. Esqueceu a infelicidade próxima, riu-se encantado com a esperteza de sinhá Vitória. Uma pessoa como aquela valia ouro. Tinha ideias, sim senhor, tinha muita coisa no miolo. Nas situações difíceis encontrava saída. Então!

Descobrir que as **arribações** matavam o gado! E matavam. Àquela hora o mulungu do **bebedouro**, sem folhas e sem flores, uma **barrancharia** pelada, enfeitava-se de penas.

[...]

Alargou o passo, desceu a ladeira, pisou a **terra de aluvião**, aproximou-se do bebedouro. Havia um bater doido de asas por cima da poça de água preta, a **garrancheira** do **mulungu** estava completamente invisível. Pestes. Quando elas desciam do sertão, acabava-se tudo. O gado ia **finar-se**, até os espinhos secariam.

Suspirou. Que havia de fazer? Fugir de novo, **aboletar-se** noutra lugar, recomeçar a vida. Levantou a espingarda, puxou o gatilho sem pontaria. Cinco ou seis aves caíram no chão, o resto se espantou, os galhos queimados surgiram nus. Mas pouco a pouco se foram cobrindo, aquilo não tinha fim.

[...]

Chegou-se a casa, com medo. Ia escurecendo, e àquela hora ele sentia sempre uns vagos terrores. Ultimamente vivia **esmorecido**, **mofino**, porque as desgraças eram muitas. Precisava consultar sinhá Vitória, combinar a viagem, livrar-se das arribações, explicar-se, convencer-se de que não praticara injustiça matando a cachorra. Necessário abandonar aqueles lugares amaldiçoados. Sinhá Vitória pensaria como ele.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 78. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999. p.108-110; 114-115.

Glossário

Arranchar: reunir-se em grupos;

Arribação: aves que se deslocam de uma região para outra em determinadas épocas;

Barrancharia: palavra aparentemente criada pelo autor, com sentido próximo ao de barranco, ribanceira;

Bebedouro: parte rasa de rio, lagoa, açude onde os animais bebem água;

Matutar: pensar, refletir;

Mulungu: espécie de árvore nativa do Brasil.

Aboletar-se: instalar-se, alojar-se;

Esmorecido: sem ânimo;

Excomungado: amaldiçoado;

Finar: morrer;

Garrancheira: galhada;

Mofino: infeliz, sem alegria.

Terra de aluvião: terra composta de cascalho, areia e lama que foi transportada por água corrente.



“O pior

O pior dos problemas da gente é que ninguém tem nada com isso.

Incorrigível

O fantasma é um exibicionista póstumo.

Camuflagem

A esperança é um urubu pintado de verde.

QUINTANA, Mario. Caderno H. Prefácio de Gilberto Mendonça Teles. 2. ed. São Paulo: Globo, 2006. p. 74, 62, 84.

A **poesia epigramática** é um tipo de poema curto, geralmente com uma ideia bem definida e um tom irônico ou satírico. O epigrama costuma ser direto e muitas vezes surpreende o leitor com um insight rápido ou uma crítica sutil, usando humor ou sarcasmo. A característica principal dessa forma é a capacidade de transmitir uma reflexão ou mensagem poderosa de maneira concisa e impactante.

VINÍCIUS DE MORAES: O POETINHA

Vinícius de Moraes é reconhecido por sua intensa veia lírica. Ele estreou na literatura em 1933 com a obra *O caminho para a distância*, inicialmente classificada pela crítica como "neossymbolista". Seus primeiros poemas, de caráter **místico** e **religioso**, evoluíram posteriormente para uma abordagem mais concreta, abordando temas cotidianos, com especial ênfase no **amor** e **na figura feminina**.



Vinícius de Moraes*

Vinícius de Moraes nasceu em 1913, no Rio de Janeiro. Em 1929 bacharelou-se em Letras e no ano seguinte entrou para a faculdade de Direito, formando-se em 1933. Foi diplomata, dramaturgo, jornalista, poeta e compositor de música popular. Morreu em 1980.

*Disponível em: https://www.terra.com.br/diversao/gente/centenario-de-vinicius-de-moraes-relembra-a-historia-do-poetinha,96262952762c1410VgnVCM500009ccce0aRCRD.html#google_vignette. Acesso em: 28 de jan. de 2025.

Os sonetos de Vinicius, conhecidos por sua sofisticação, modernizam essa tradicional forma poética ao explorar as contradições do amor, incluindo suas dimensões sensual e carnal. Além do lirismo amoroso, sua obra também aborda questões sociais. Um exemplo marcante é o poema *A rosa de Hiroxima*.

Leitura

“A rosa de Hiroxima

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas

Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária

*A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A antirrosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada*

MORAES, Vinícius de. *Poesia completa & prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1987. p. 265-266.



Esse poema exemplifica um eu lírico transtornado diante do impacto da bomba atômica, refletindo acerca do dia 6 de agosto de 1945, dia em que a cidade de Hiroxima foi devastada com a primeira bomba atômica jogada sobre uma região povoada.



“ **Soneto de Fidelidade**

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama.

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

MORAES, Vinícius de. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960. p. 96.

O *Soneto de Fidelidade* reflete sobre a dedicação total ao amor, que se revela em constante atenção, respeito e entrega. O eu lírico enfatiza a importância de viver o amor plenamente, tanto nos momentos de alegria quanto de tristeza, expressando seus sentimentos de forma autêntica. Ao final, a voz poética evidencia a efemeridade do amor, sugerindo que, embora o amor não seja imortal, ele pode ser "infinito enquanto dure", destacando que a intensidade e a profundidade da experiência amorosa são o que realmente importa, independentemente de sua duração.



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eH8U4ERc7Nc&pp=ygUJc29uZXRvIGRlIGZpZGVsaWRhZGZGSEwklvQCDaTen9Q%3D>. Acesso em 28 mar. 2025

Accese o QR Code acima para ouvir o Soneto de Fidelidade sendo declamado pelo próprio Vinícius de Moraes.

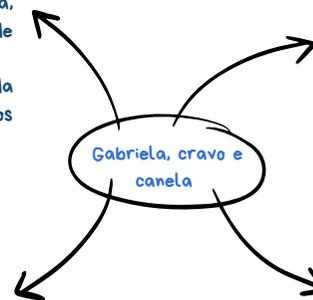


A importância de Vinícius de Moraes para a cultura brasileira é bastante significativa. Com Tom Jobim (1927-1994) e João Gilberto, ele participou, nos anos de 1950, da criação do movimento musical Bossa Nova. Algumas de suas principais obras são: *Ariana, a mulher* (1936), *Poemas, sonetos e baladas* (1946), *Orfeu da Conceição* (teatro, 1956), *Livro de sonetos* (1957), *Antologia poética* (1960), *Para uma menina com uma flor* (crônicas, 1966) e *A arca de Noé* (poemas infantis, 1970).



CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL

- Vida cotidiana em Ilhéus;
- Costumes locais (sesta, aperitivo, consumo de cachaça);
- Comércio popular (venda de bugigangas, cigarros estrangeiros);
- Miscigenação cultural.



PERSONAGENS

- Marinheiros: grapiúnas (habitantes orgulhosos de Ilhéus);
- O loiro sueco;
- Nacib: responsável financeiro; cumpre deveres com rigor;
- Gabriela: protagonista sensual e marcante, envolta em mistério e desejo, comparada poeticamente à sereia, e símbolo de beleza e força que desafia convenções.

TEMÁTICAS

- Crônica de costumes: hábitos e lazer (cachaça, sesta, aperitivo);
- Relações sociais: presença de mulheres-dama e ambiente de prostituição;
- Sexualidade e sensualidade: descrição poética de Gabriela ("cravo e canela").

LINGUAGEM E RECURSOS ESTILÍSTICOS

- Uso de termos regionais e populares (grapiúnas, bugigangas, sesta);
- Imagens sensoriais e poéticas (canto, dança, sol, luar).

GRACILIANO RAMOS

A escrita de Graciliano Ramos é marcada por uma economia de palavras, com uma narrativa direta e sem excessos. Ele usa a **linguagem de forma precisa**, evitando adjetivos, que só aparecem quando são essenciais para a história, nunca com a intenção de adornar ou criar uma descrição poética. A beleza de sua obra reside na **objetividade** e na capacidade de suas palavras, afiadas, **revelarem a opressão e a dor humanas**. Seus romances não possuem finais felizes, pois esses só seriam possíveis em uma sociedade transformada.

A intenção do autor, portanto, é alertar o leitor sobre as questões sociais que precisam ser abordadas, sem lhe oferecer a ilusão de um final improvável. Nos romances de Graciliano, o questionamento social é central, independentemente do contexto. Em *Vidas secas*, o foco é a realidade árida do Sertão e a seca, enquanto em *São Bernardo*, o tema gira em torno do latifúndio, onde mais do que a lavoura, prevalece a opressão. Neste último, escrito em primeira pessoa, o narrador-personagem, por meio de suas lembranças, revela o caráter destrutivo das relações humanas.



Graciliano Ramos*

Graciliano Ramos nasceu em Alagoas, em 1892. Um dos quinze filhos de uma família de classe média do Sertão nordestino, em 1928 foi eleito prefeito de Palmeira dos Índios (AL). Viveu parte de sua vida no Rio de Janeiro, onde atuou como jornalista e professor. Em 1936, foi preso pelo governo Vargas, acusado de subversão. Dessa experiência nasceu a contundente obra *Memórias do cárcere*, de 1953, ano de sua morte. Além dessa, entre suas principais obras se encontram *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas secas* (1938).

*Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Vestibular-e-Enem/noticia/2019/10/conheca-vida-e-obra-de-graciliano-ramos-autor-de-vidas-secas-e-angustia.html> Acesso em: 06 de Fev. de 2025.



Leitura

Você vai ler agora um trecho extraído do final do romance Gabriela, cravo e canela, obra que marca a transição entre dois momentos da produção de Jorge Amado: da fase socialmente engajada dos primeiros livros para os romances de costumes de sua maturidade literária.

“ Do navio sueco com sereia de amor

[...]
No dia seguinte, depois do almoço, os marinheiros tiveram novamente folga, espalharam-se pelas ruas. “Como gostavam da cachaça ilheense!”, comprovavam com orgulho os **grapiúnas**. Vendiam cigarros estrangeiros, peças de fazenda, frascos de perfume, **bugigangas** douradas. Gastavam o dinheiro em cachaça, enfiavam-se nas casas de **mulheres-dama**, caíam bêbados na rua.

Foi depois da **sesta**. Antes da hora do **aperitivo** da tarde, naquele tempo vazio entre as três e as quatro e meia. Quando Nacib aproveitava para fazer as contas da caixa, separar o dinheiro, calcular os lucros. Foi quando Gabriela, terminado o serviço, partia para casa. O marinheiro sueco, loiro de quase dois metros, entrou no bar, soltou um bafo pesado de álcool na cara de Nacib e apontou com o dedo as garrafas de “Cana de Ilhéus”. Um olhar suplicante, umas palavras em língua impossível. Já cumprira Nacib, na véspera, seu dever de cidadão, servira cachaça de graça aos marinheiros. Passou o dedo indicador no polegar, a perguntar pelo dinheiro. Vasculhou os bolsos o toiro sueco, nem sinal de dinheiro. Mas descobriu um broche engraçado, uma sereia dourada. No balcão colocou a nórdica mãe-d’água, lemanjá de Estocolmo. Os olhos do árabe fitavam Gabriela dobrar a esquina por detrás da Igreja. Mirou a sereia, seu rabo de peixe. Assim era a **anca** de Gabriela. Mulher tão de fogo no mundo não havia, com aquele calor, aquela ternura, aqueles suspiros, aquele **langor**. Quanto mais dormia com ela, mais tinha vontade. Parecia feita de canto e dança, de sol e luar, era de cravo e canela. Nunca mais lhe dera um presente, uma tolice de feira. Tomou da garrafa da cachaça, encheu um copo grosso de vidro, o marinheiro suspendeu o braço, saudou em sueco, **emborcou** dois **tragos**, cuspiu. Nacib guardou no bolso a sereia dourada, sorrindo. Gabriela riria contente, diria a gemer: “precisava não, moço bonito...”

E aqui termina a história de Nacib e Gabriela quando renasce a chama do amor de uma brasa dormida nas cinzas do peito.

AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. 53. ed. Rio de Janeiro: Record, 1977. p. 357.

Glossário

- Anca:** quadril; parte entre a cintura e a coxa;
- Aperitivo:** bebida servida antes das refeições;
- Bugigangas:** objetos pequenos de pouco valor;
- Emborcar:** beber rapidamente;
- Grapiúnas:** habitantes de Ilhéus, sul da Bahia;
- Langor:** sensualidade ou languidez;
- Mulheres-damas:** mulheres ligadas a casas de prostituição;
- Sesta:** descanso breve após o almoço;
- Trago:** gole de bebida alcoólica.

Gabriela, cravo e canela sintetiza de forma marcante a identidade baiana e os elementos típicos da Prosa de 30. O autor descreve o cotidiano em Ilhéus, ressaltando **hábitos locais:** a folga dos marinheiros, o comércio de bugigangas, o consumo orgulhoso da cachaça ilheense pelos grapiúnas (habitantes de Ilhéus) e a prática da sesta seguida do aperitivo da tarde.



Material Extra



Livro Didático “Se liga nas linguagens: português”, PNLD 2021 do Ensino Médio

Pdf do arquivo disponível em: https://pnld.moderna.com.br/wp-content/uploads/2021/05/Se-liga-nas-linguagens_Port.pdf



Atividades no capítulo 13 do livro didáticos abordam a 2.ª fase do Modernismo e a poesia de 30: pp. 211-216 (no pdf).



Podcast *Leia Poesia*, com leitura de poemas de Carlos Drummond de Andrade e a biografia do autor.

Link: <https://open.spotify.com/episode/4yWbruCzzikbFaMnGgEiLJ?si=4a1ca33eb28e4922>





Atividades

Leia o texto abaixo e responda.

Poeminha do Contra

*Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!*

QUINTANA, Mário. *Poesias*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

ATIVIDADE 1

D053_P Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.

A escolha da expressão "*Eu passarinho!*", no último verso do poema de Mário Quintana,

- A) sugere fragilidade e submissão, indicando que o eu lírico se sente inferior aos obstáculos em seu caminho.
- B) foi usada como uma metáfora para a insignificância do eu lírico diante das dificuldades, demonstrando sua falta de esperança.
- C) transmite a ideia de que o eu lírico deseja permanecer imóvel e resignado diante dos desafios.
- D) indica uma conexão com o coletivo, sugerindo que o eu lírico busca ajuda de outros para superar os desafios.
- E) simboliza leveza, liberdade e a capacidade de superar os obstáculos com suavidade, em contraste com a rigidez dos que "atrapalham" o caminho.

Leia o texto abaixo e responda.

No Meio do Caminho

*No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.*

Fatigada: Cansada; que está exausta.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

“Meu avô me levava sempre em suas visitas de corredeira às terras de seu engenho. Ia ver de perto os seus moradores, dar uma visita de senhor nos seus campos. O velho José Paulino gostava de percorrer a sua propriedade, de andá-la canto por canto, entrar pelas suas matas, olhar as suas nascentes, saber das precisões de seu povo, dar os seus gritos de chefe, ouvir queixas e implantar a ordem. Andávamos muito nessas suas visitas de patriarca. Ele parava de porta em porta, batendo com a **tabica** de cipó-pau nas janelas fechadas.

REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006. v. 1. p. 77

Glossário

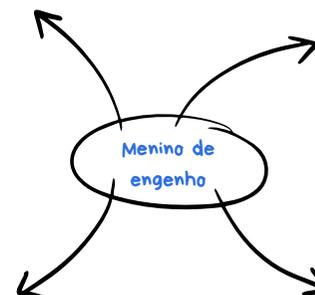
Tabica: chibata, chicote, feito de certo cipó, fino e flexível

CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL

- Ambiente rural brasileiro;
- Estrutura patriarcal das propriedades;
- Relações sociais hierárquicas.

PERSONAGENS

- José Paulino: patriarca autoritário que exerce vigilância constante;
- Trabalhadores: personagens submissos, silenciosos diante da autoridade;
- Neto: figura que simboliza a nova geração oprimida pelo controle do patriarca.



TEMÁTICAS

- Autoridade e poder;
- Relações de dominação e submissão;
- Conflitos geracionais.

LINGUAGEM E RECURSOS ESTILÍSTICOS

- Contraste entre gritos (autoridade) e silêncio (submissão);
- Gestos ruidosos como metáforas de poder (bater nas janelas);
- Imagem auditiva para simbolizar dominação.

JORGE AMADO

Jorge Amado teve uma participação marcante na política brasileira e deixou um legado literário significativo. Dentre suas obras mais importantes, destacam-se *O país do Carnaval* (1931), *Jubiabá* (1937), *Mar morto* (1936), *Capitães da Areia* (1937), *Terras do sem fim* (1942), *Gabriela, cravo e canela* (1958), *Quincas Berro d'água* (1961) e *Dona Flor e seus dois maridos* (1966).

Na sua obra, a Bahia é apresentada como um painel que revela o Nordeste para o restante do Brasil. Ao abordar questões sociais como o **coronelismo** e o **abandono de crianças nas ruas**, o autor também retrata uma região rica em **miscigenação**, com influências culturais diversas, a **tradição da capoeira** e o **sincretismo religioso**, onde o cristianismo e o candomblé se entrelaçam.



Jorge Amado*.

Jorge Amado de Faria nasceu na Bahia, em 1912. Escritor militante, chegou a ser preso duas vezes e precisou exilar-se com a família na França e, posteriormente, na Tchecoslováquia. Foi membro da Assembleia Constituinte de 1945 e autor da lei que permite liberdade de culto religioso no país. Em 1961, ingressou na Academia Brasileira de Letras. Faleceu em 2001.

1. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/para-colorir-fazenda-de-cana-do-brasil-colonia/>. Acesso em 29 de Jan. 2025.
2. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Group-of-workers-harvesting-cane-Pernambuco-1940s-Acervo-Fundacao-Joaquim_fig4_322368220. Acesso em 29 de Jan. 2025
* Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/dica-cultural/quem-foi-jorge-amado-escritor-preferido-de-jose-inocencio-em-renascer>. Acesso em 30 de Jan. 2025

CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL

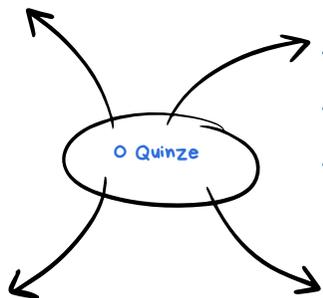
- Seca e migração forçada;
- Realidade nordestina.

PERSONAGENS

- Chico Bento: líder da família, carrega um bastão ao ombro;
- Cordulina: cuida das crianças, ajusta o chapéu do menino;
- Mocinha: representa a " vaidade " inicial, mas cede ao desgaste;
- Crianças: amarradas à cangalha, choram e brigam.

TEMÁTICAS

- Pobreza e sobrevivência;
- Relações familiares e solidariedade;
- Esperança X desolação.



LINGUAGEM E RECURSOS ESTILÍSTICOS

- Expressões regionais (zabelinha, balbúrdia, cangalha);
- Onomatopeias (rah! rah! ah! ah!).

JOSÉ LINS DO REGO

As produções literárias de José Lins do Rego podem ser classificadas conforme suas tendências temáticas. No primeiro conjunto, estão os romances pertencentes ao ciclo da cana-de-açúcar, como *Menino de engenho* (1932), *Usina* (1936) e *Fogo morto* (1943). Já no segundo grupo figuram as obras do ciclo do cangaço, a exemplo de *Pedra bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953). Além desses, há obras que não se enquadram nesses ciclos, como *Pureza* (1937) e *Riacho doce* (1939).

O ciclo da cana-de-açúcar é um dos aspectos mais importantes de sua obra, destacando-se por retratar a **decadência dos engenhos** na Paraíba e em Pernambuco, que foram gradualmente substituídos por usinas. Inspirando-se nas suas memórias de infância, José Lins do Rego recria a queda desse modelo agrícola e a derrocada dos coronéis que o comandavam. Os próprios títulos de seus livros refletem esse processo: o ciclo começa com as lembranças de um menino vivendo no engenho, como em *Menino de engenho* (1932), e se conclui com o desaparecimento dos engenhos, simbolizado pelo título *Fogo morto* (1943).



José Lins do Rego nasceu na Paraíba, em 1901. Órfão de mãe, foi criado pelas tias, no engenho do avô. Em 1923, conheceu Gilberto Freyre, recém-chegado da Europa, e, por influência dele, foi introduzido nas discussões sobre o Brasil e o Nordeste. Entrou para a Academia Brasileira de Letras em 1955 e morreu no Rio de Janeiro, em 1957.

Leitura

Em *Menino de engenho*, a figura do patriarca autoritário é representada pelo personagem José Paulino, um dos coronéis que exercia controle rígido sobre seus domínios. Observe isso no trecho de *Menino de engenho* a seguir.



ATIVIDADE 2

D062_P Identificar discursos que contribuíram para a formação da identidade nacional em textos da literatura brasileira.

Em relação à 2.ª Fase do Modernismo no Brasil e à poesia acima, de Carlos Drummond de Andrade, podemos observar que

- A) o poema aprofunda reflexões sobre o indivíduo e sua relação com o mundo, indo além da pura experimentação formal da primeira fase.
- B) "No Meio do Caminho" enfatiza a exaltação da paisagem urbana, refletindo o espírito nacionalista predominante da 2.ª Fase do Modernismo.
- C) o poema utiliza a métrica e a rima resgatando formas tradicionais da poesia brasileira, em oposição às inovações propostas pela segunda geração modernista.
- D) "No meio do Caminho" é marcado pelo engajamento político e pela crítica social direta, características centrais dos poetas da 2.ª Fase modernista.
- E) o poema abandona a subjetividade e foca exclusivamente na denúncia de problemas rurais, seguindo a proposta da segunda geração modernista.

Leia o texto abaixo e responda às atividades 3 e 4.

A rosa de Hiroshima

*Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh, não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroshima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida.*

*A rosa com cirrose
A antirrosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.*

MORAES, Vinicius de. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

Glossário

- Cálida:** quente, morna ou ardente.
- Cirrose:** doença crônica, geralmente do fígado, caracterizada pela degeneração e cicatrização do tecido.
- Hiroshima:** nome da cidade japonesa onde foi lançada a primeira bomba atômica durante a Segunda Guerra Mundial.

ATIVIDADE 3

D053_P Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.

No poema de Vinicius de Moraes, as expressões "a rosa radioativa" e "a antirrosa atômica" foram usadas para

- A) criar uma visão romantizada da bomba atômica, destacando seu poder como um avanço positivo da ciência e da humanidade.
- B) minimizar o impacto da bomba atômica, sugerindo que suas consequências foram efêmeras e facilmente superadas.
- C) mostrar o contraste ao transformar o símbolo da rosa, tradicionalmente associado à beleza e à vida, em uma imagem de destruição e morte.
- D) refletir um posicionamento neutro em relação à bomba em Hiroshima, apresentando-a como um evento inevitável.
- E) celebrar a destruição da natureza causada pela bomba atômica em Hiroshima, associando-a ao desastre ambiental.

ATIVIDADE 4

D062_P Identificar discursos que contribuíram para a formação da identidade nacional em textos da literatura brasileira.

Em relação à formação da identidade nacional na 2.ª Fase do Modernismo, podemos identificar na poesia de Vinícius de Moraes

- A) o progresso tecnológico como parte da identidade nacional brasileira, destacando a capacidade do país de acompanhar os avanços científicos mundiais.
- B) a influência da temática da 2.ª Guerra Mundial, ao utilizar a poesia como ferramenta de reflexão e denúncia no contexto pós-Guerra.
- C) temas históricos, utilizando a bomba de Hiroshima como metáfora para eventos locais e tradicionais.
- D) o nacionalismo brasileiro frente aos conflitos globais, reafirmando um ideal de identidade nacional crítica pelos modernistas da 2.ª Fase.
- E) os ideais pautados pela segunda geração modernista, que não tinha como prioridade retratar a realidade social, cultural e econômica do mundo.

Leia o texto abaixo e responda.

Reflexão N.º 1

*Ninguém sonha duas vezes o mesmo sonho
Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio
Nem ama duas vezes a mesma mulher.
Deus de onde tudo deriva
E a circulação e o movimento infinito.
Ainda não estamos habituados com o mundo
Nascer é muito comprido.*

MENDES, Murilo. **Mundo Enigma**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1935.

ATIVIDADE 5

D053_P Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.

No último verso da poesia de Murilo Mendes, "*Nascer é muito comprido*.", a expressão em destaque

- A) sugere que nascer é um processo fácil e imediato, indicando simplicidade na experiência de chegar ao mundo.
- B) enfatiza a ideia de que o nascimento é rápido, acontecendo sem grandes dificuldades ou impacto.
- C) está relacionado à ideia de algo previsível, sugerindo que o ato de nascer é um processo repetitivo.
- D) simboliza a complexidade do processo de nascer e adaptar-se ao mundo, sugerindo que o processo é cheio de desafios.
- E) demonstra uma sensação de distância física, indicando que o ato de nascer implica percorrer um caminho concreto.



RAQUEL DE QUEIROZ

O romance *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, aborda a seca de 1915, mesclando os aspectos social e individual: a jornada do retirante Chico Bento e sua família em busca de sobrevivência e o amor entre Conceição e Vicente em meio ao cenário de adversidade.



Raquel de Queiroz*.

Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza, em 1910. Foi professora, jornalista e, com apenas 20 anos, iniciou-se na literatura com a publicação de *O Quinze*, romance que retrata a seca que assolou o Nordeste em 1915. A autora escreveu romances, crônicas e peças teatrais. Foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, em 1977. Faleceu em 2003, no Rio de Janeiro.

* Disponível em: <https://ims.com.br/titular-colecao/rachel-de-queiroz/>. Acesso em: 30 de Jan. 2025.

Leitura

O trecho a seguir faz parte de *O Quinze*, de Rachel de Queiroz. Nessa passagem do romance, Chico Bento, sua cunhada (Mocinha), sua mulher (Cordulina) e os filhos estão iniciando a jornada de retirantes.

“ O pequeno ia no meio da carga, amarrado por um pano aos **cabecotes** da **cangalha**. De vez em quando, levava a mãozinha aos olhos, e fazia *rah! rah! ah! ah!* numa enrouquecida tentativa de choro.

Cordulina chegava-se à burra para o consolar, ajeitava-lhe o chapéu de pano na cabeça, até que um dos menores gritava:

– Olha, mãe! Os pés da **zabelinha!** olha o coice!

Chico Bento fechava a marcha, com o **cacete** ao ombro, do qual pendia uma trouxa. Mocinha, de vestido **engomado**, também levava sua trouxa debaixo do braço, e na mão, os chinelos vermelhos de ir à missa.

O sol ia esquentando. De cima da **cangalha**, o menino chorou com mais força, debatendo-se, até que Cordulina o retirou, com medo de uma queda. Pô-lo no **quarto**; logo uma briga se armou entre os outros, num assalto aceso ao lugar na cangalha; na **balbúrdia** da disputa, eles se confundiam e só se podia distinguir, de momento a momento, um murro, um rasgão, e nuvens de poeira.

Chico Bento, intervindo, **trepou** o menor. E os outros, por trás do pai, vingavam-se, estirando a língua, com gestos insultuosos mas perdidos porque o cavaleiro não os via, mergulhado na alegria de sua vitória.

[...]

Os três dias de caminhada iam humanizando Mocinha. O vestido, amarrotado, sujo, já não parecia **toilette** de missa. As chinelas baianas dormiam no fundo da trouxa, sem mais **saracoteios** nos dedos da dona. E até levava **escanchado** ao quadril o Duquinha, o çaçula, que, assombrado com a burra, chorava e não queria ir na cangalha.

Chico Bento **troçava**:

– Hein, minha comadre! Botou o luxo de banda...

Debaixo de um juazeiro grande, todo um bando de retirantes se **arranchara**: uma velha, dois homens, uma mulher nova, algumas crianças.

QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. p. 25-29.

Glossário

- Arranchar**: acampar provisoriamente, geralmente em viagens;
- Balbúrdia**: grande confusão ou desordem;
- Cabecotes**: partes salientes da sela ou cangalha usadas para amarrar a carga;
- Cacete**: bastão ou bengala para apoio ou defesa;
- Cangalha**: estrutura de madeira ou ferro no lombo do animal para pendurar carga;
- Engomado**: vestido ou tecido passado a ferro, com aparência arrumada;
- Escanchado**: posicionado de modo a se firmar sobre o animal;
- Quarto**: parte do lombo do animal que funciona como assento, geralmente para crianças;
- Saracoteio**: movimento leve e oscilante;
- Toilette**: traje arrumado, especialmente para ocasiões formais;
- Trepou**: subir ou levantar-se (no texto, levantar a criança sobre o animal);
- Troçar**: zombar ou caçoar;
- Zabelinha**: nome carinhoso para a burra que acompanha os personagens.



SAIBA MAIS!

O romance de 30 também é conhecido como romance neorrealista. Esse nome é porque as obras desse período incorporavam características do **Neorrealismo**, um movimento literário português que emergiu na década de 1930, influenciado pelas questões sociais abordadas pela literatura estadunidense. Além disso, o romance de 30 recebeu essa denominação por seu esforço em renovar e modernizar o Realismo e o Naturalismo do século XIX.

A PROSA DE 30: PRINCIPAIS AUTORES

A obra **A bagaceira** (1928), de José Américo de Almeida (1887-1980), é considerada o marco inicial da literatura regionalista do Modernismo, cultivada também por Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Jorge Amado e Graciliano Ramos (Nordeste), e por Érico Veríssimo (Sul). Outros autores que também se destacam nesse período são Dyonélio Machado (Sul), além de Cyro dos Anjos, Marques Rebelo e Amando Fontes (Sudeste).

Obras como **Vidas Secas**, de Graciliano Ramos, **O Quinze**, de Rachel de Queiroz, e **Seara Vermelha**, de Jorge Amado, retratam as condições de vida dos camponeses nordestinos, abordando a seca e suas implicações na vida dos retirantes. Já **Fogo Morto**, de José Lins do Rego, trata da decadência da monocultura da cana-de-açúcar e do coronelismo, um sistema político-social baseado no domínio dos coronéis, grandes latifundiários que exerciam poder político e econômico de maneira arbitrária durante o final do Império e a Primeira República.



Algumas obras exploraram o caudilhismo, como no conto **Os Devaneios do General**, de Erico Veríssimo. O caudilhismo, exercido por líderes autoritários conhecidos como "caudilhos", era geralmente vinculado às forças políticas locais ou regionais. No conto, o general Chicuta Campolargo representa um caudilho em decadência, que nutre a esperança de que seu bisneto perpetue esse sistema político centralizador e autoritário.

Além da ficção regionalista, houve a produção de romances de sondagem psicológica, nos quais se destacam Lúcio Cardoso (1912-1968), Cornélio Pena (1896-1958) e Otávio de Faria (1908-1980), e de romances psicológicos permeados por traços religiosos e surrealistas.

Veja a seguir mais informações sobre os principais autores desse período!



Leia o texto abaixo e responda.

O poeta diante de Deus

Senhor Jesus, o século está pobre.
Onde é que vou buscar poesia?
Devo despir-me de todos os mantos,
os belos mantos que o mundo me deu.

(...)

Senhor Jesus, o século está doente,
o século está rico, o século está gordo.
Devo despir-me do que é belo,
devo despir-me da poesia,
devo despir-me do manto mais puro
que o tempo me deu, que a vida me dá.

(...)
Eu quero despir-me da voz e dos olhos,
dos outros sentidos, das outras prisões,
não posso Senhor: o tempo está doente.
Os gritos da terra, dos homens sofrendo
me prendem, me puxam — me dai Vossa mão.

LIMA, Jorge de. Poesia Completa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

ATIVIDADE 6

D062_P Identificar discursos que contribuíram para a formação da identidade nacional em textos da literatura brasileira.

Qual é o contexto social e histórico que está retratado nesse texto?

- A) O caráter crítico típico do Modernismo no Brasil, no qual o contexto histórico do século se sobrepõe a outras questões sociais e culturais.
- B) A abordagem espiritualista para retratar questões culturais do século, tratando os problemas sociais como elementos secundários.
- C) A ruptura com o espiritual e o transcendental, refletindo uma visão materialista do mundo.
- D) A exploração de questões universais e humanas, entrelaçando-as com a reflexão espiritual e social em um contexto de crise, algo típico da 2.ª fase modernista.
- E) O uso de temas ligados exclusivamente à fé e à religião, vistos como desvinculados das questões sociais e da realidade histórica da humanidade.

Leia o texto abaixo e responda.

O amor bate na porta

(...)

O amor bate na porta
o amor bate na **aorta**,
fui abrir e me constipei.
Cardíaco e melancólico,
o amor ronca na horta
entre pés de laranjeira
entre uvas meio verdes
e desejos já maduros.

(...)

Amor é bicho instruído.
Olha: o amor pulou o muro
o amor subiu na árvore
em tempo de se estrepapar.
Pronto, o amor se estrepou.
Daqui estou vendo o sangue
que escorre do corpo **andrógino**.
Essa ferida, meu bem,
às vezes não sara nunca
às vezes sara amanhã.

Glossário

Andrógino: adjetivo ou substantivo que se refere a alguém que combina características masculinas e femininas.

Aorta: a principal artéria do corpo humano, responsável por transportar o sangue do coração para o resto do organismo.



ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

ATIVIDADE 7

D053_P Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.

Na poesia de Drummond, no verso “o amor bate na gorta” (2.º verso), a escolha do termo em destaque tem como efeito

- A) sugerir que o amor é uma experiência alheia às emoções e aos impulsos do coração.
- B) indicar que o amor é uma sensação leve e efêmera, mostrando o impacto sutil no coração ou no corpo de quem o sente.
- C) reforçar a conexão entre o amor e o coração, destacando o impacto físico e visceral que ele pode provocar no ser humano.
- D) associar o amor a uma sensação de tranquilidade, comparando-o ao funcionamento calmo e regular do sistema cardiovascular.
- E) sugerir que o amor é algo inato que está restrito às consequências emocionais relacionadas ao corpo humano.

Leia o texto abaixo e responda.

Seiscentos e Sessenta e Seis

*A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...
Quando se vê, já é 6.ª-feira...
Quando se vê, passaram 60 anos!
Agora, é tarde demais para ser reprovado...
E se me dessem – um dia – uma outra oportunidade,
eu nem olhava o relógio
seguia sempre em frente...
E iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas.*

QUINTANA, Mário. **Poesias**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

ATIVIDADE 8

D025_P Reconhecer efeitos de sentido decorrentes do uso ou função da pontuação e de outras notações.

Em relação ao poema de Mário Quintana, o uso das reticências (2.º, 3.º, 5.º e 8º versos) foi empregado para

- A) marcar pausas aleatórias no texto.
- B) mostrar a indecisão do eu lírico sobre o que se deseja.
- C) destacar alegria em relação à passagem do tempo.
- D) fazer uma reflexão relacionada ao futuro.
- E) criar uma sensação de continuidade e transitoriedade.



Conceitos e Conteúdos

2.ª FASE DO MODERNISMO: A PROSA

Entre o final da década de 1920 e o início de 1930, as propostas estéticas dos modernistas se espalharam pelo Brasil, incorporando elementos regionais ao repertório artístico.

Nesse período, tornou-se ainda mais relevante a interação dos escritores com a realidade social e os acontecimentos históricos ao seu redor, aspecto evidenciado, principalmente, pelos romances produzidos no período.

O CONTEXTO HISTÓRICO

O romance regionalista teve início no Brasil no século XIX, desempenhando um papel significativo na consolidação da literatura nacional e no fortalecimento do nacionalismo após a independência. No entanto, os regionalistas da década de 1930 foram além da simples valorização do local interiorano, por exemplo, ao abordar, de forma crítica, **as tensões sociais, políticas e econômicas que atravessavam as regiões retratadas**. Assim, a prosa modernista incorporou maior profundidade psicológica às personagens e investigou, de modo mais complexo, a realidade humana em seus conflitos e contradições. Desse modo, o romance regionalista da Geração de 30 não se limitou à exaltação de elementos exóticos, mas vinculou o contexto regional a questões universais, promovendo uma análise mais ampla e inovadora da condição humana.



PORTINARI, Cândido. **Os Retirantes**, 1944. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/retrantes>. Acesso em: 29 de Jan. de 2025.

No final do século XIX, **a abolição da escravidão** desestabilizou a aristocracia rural, especialmente no Nordeste, onde grandes latifundiários dependiam de uma sociedade patriarcal estruturada em torno da escravidão e do poder absoluto dos coronéis. Esses líderes locais, sustentados por jagunços, capangas e cangaceiros, exerciam domínio sobre a região. A **decadência econômica, os contrastes sociais e os efeitos das secas periódicas** tornaram-se temas centrais para os romancistas nordestinos.

O **romance regionalista** da década de 1930 rompeu com idealizações românticas, retratando de forma crítica as desigualdades sociais e tensões regionais. Ao explorar a relação entre homem, terra e poder, essas obras não apenas registraram a realidade, mas também fomentaram uma **consciência social**, consolidando-se como importante ferramenta de denúncia e reflexão sobre a identidade nacional.



Referências

Material Estruturado:

ALVES, Roberta Hernandez; MARTIN, Vima Lia. **Veredas da palavra**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2016.

BARRETO, Ricardo Gonçalves; Et al. **Ser protagonista**: língua portuguesa, 3º ano: ensino médio. 3. ed. São Paulo: Edições SM, 2016.

CEREJA, William Roberto; VIANNA, Carolina Assis Dias; CODENHOTO, Christiane Damien. **Português contemporâneo**: diálogo, reflexão e uso, vol. 3. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

FARACO, Carlos Emílio; MARUXO JÚNIOR, José HaMilton. **Língua portuguesa**: linguagem e interação. São Paulo: Ática, 2012.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga nas linguagens**: português manual do professor.1. ed. São Paulo: Moderna, 2020.

SETTE, G.; RIBEIRO, I.; TRAVALHA, M.; STARLING, R. **Português**: Trilhas e tramas, volume 3. 2 ed. São Paulo: Leya, 2016.

Conjunto de Questões:

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

LIMA, Jorge de. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

QUINTANA, Mário. **Poesias**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

MENDES, Murilo. **Mundo Enigma**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1935.

MORAES, Vinicius de. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Educação

Material Estruturado



SUBSECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL

GERÊNCIA DE CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

3.ª série | Ensino Médio

MANIFESTAÇÕES LITERÁRIAS

LÍNGUA PORTUGUESA

DESCRIPTOR SAEB	DESCRIPTOR PAEBES	HABILIDADE PRINCIPAL	OBJETO DE CONHECIMENTO DA HABILIDADE PRINCIPAL	EXPECTATIVA DE APRENDIZAGEM DA HABILIDADE PRINCIPAL	HABILIDADE ASSOCIADA	OBJETO DE CONHECIMENTO DA HABILIDADE ASSOCIADA	EXPECTATIVA DE APRENDIZAGEM DA HABILIDADE ASSOCIADA	HABILIDADE DA COMPUTAÇÃO RELACIONADA
	D043_P Reconhecer recursos estilísticos utilizados na construção de textos.	EM13LP49a/ES Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia, da literatura juvenil brasileira, da literatura capixaba, da literatura de autoria feminina, da literatura das diferenças etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.	- Efeito de sentido dos textos literários das origens à contemporaneidade; - Construção composicional dos textos literários das origens à contemporaneidade; - Manifestações literárias.	Analisar como escolhas de regularidades dos gêneros (composicionais e estilísticas) geram efeitos de sentidos de representação e expressão de diferentes subjetividades, processos identitários e valores.	EM13LP47 Participar de eventos (saraus, competições orais, audições, mostras, festivais, feiras culturais e literárias, rodas e clubes de leitura, cooperativas culturais, jograis, repentes, slams etc.), inclusive para socializar obras da própria autoria (poemas, contos e suas variedades, roteiros e microrroteiros, videominutos, playlists comentadas de música etc.) e/ou interpretar obras de outros, inserindo-se nas diferentes práticas culturais de seu tempo.	- Recursos linguísticos e semióticos que operam nos textos pertencentes aos gêneros literários das origens à contemporaneidade; - Adesão às práticas de leitura de textos literários das mais diferentes tipologias e manifestações literárias; - Estilo dos textos literários contemporâneos.	Mapear eventos e práticas do campo artístico-literário, considerando contextos locais e digitais. Relacionar eventos e práticas do campo artístico-literário a gostos e interesses. Analisar modos de participar de práticas do campo artístico-literário, gêneros e linguagens que mobilizam. Analisar procedimentos poéticos, recursos linguísticos e multissemióticos, e seus efeitos de sentido. Produzir performances com textos linguísticos e multissemióticos para participar de eventos e práticas do campo artístico-literário.	
	D074_P Compreender a presença do cânone e das manifestações literárias populares como obras de historicidade e atemporalidade importantes para a formação humana e construção do seu meio social, valorizando artística e culturalmente as mais diversas produções literárias locais, nacionais e internacionais.	EM13LP61/ES Compreender a presença do cânone e das manifestações literárias populares como obras de historicidade e atemporalidade importantes para a formação humana e construção do seu meio social, valorizando artística e culturalmente as mais diversas produções literárias locais, nacionais e internacionais.	- Recursos linguísticos e semióticos que operam nos textos pertencentes aos gêneros literários das origens à contemporaneidade; - Efeito de sentido dos textos literários das origens à contemporaneidade; - Adesão às práticas de leitura de textos literários das mais diversas tipologias.	Contemplar obras de matrizes culturais relevantes para ampliar a compreensão da complexa formação brasileira, bem como de outras sociedades e culturas. Promover a apropriação criativa de referências do cânone literário, conhecer e compartilhar manifestações literárias populares.	EM13LP35 Utilizar adequadamente ferramentas de apoio a apresentações orais, escolhendo e usando tipos e tamanhos de fontes que permitam boa visualização, topalizando e/ou organizando o conteúdo em itens, inserindo de forma adequada imagens, gráficos, tabelas, formas e elementos gráficos, dimensionando a quantidade de texto e imagem por slide e usando, de forma harmônica, recursos (efeitos de transição, slides mestres, layouts personalizados, gravação de áudios em slides etc.)	- Planejamento e produção de texto; - Forma de composição do texto; - Relação entre contexto de produção e características composicionais e estilísticas dos gêneros.	Definir contexto de produção, circulação e recepção de apresentações orais. Resumir, hierarquizar conteúdos, para comunicá-los de forma objetiva. Usar criticamente softwares e aplicativos de apresentações. Usar recursos linguísticos e multissemióticos com intencionalidade, observando seus efeitos desentidos.	